Silvana Maria Aparecida Viana Santos
Ricardo Furtado de Oliveira
(Organizadores)

HORIZONTES DIGITAIS

Desafios e Oportunidades na Educação

EDITORA METRICS

Silvana Maria Aparecida Viana Santos
Ricardo Furtado de Oliveira
(Organizadores)

HORIZONTES DIGITAIS

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA EDUCAÇÃO

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2024

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0

Revisão: Os autores
Capa: Freepik

CATALOGAÇÃO NA FONTE

H811 Horizontes digitais [recurso eletrônico] : desafios e oportunidades na educação / organizadores: Silvana Maria Aparecida Viana Santos, Ricardo Furtado de Oliveira. - Santo Ângelo : Metrics, 2024.
90 p.

ISBN 978-65-5397-170-7
DOI 10.46550/978-65-5397-170-7

1. Educação. 2. Tecnologias. 3. Educação digital. I. Santos, Silvana Maria Aparecida Viana (org.). II. Oliveira, Ricardo Furtado de (org.).

CDU: 37:004

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

https://editorametrics.com.br

Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13
Silvana Maria Aparecida Viana Santos
Ricardo Furtado de Oliveira

Capítulo 1 - EDUCAÇÃO ASSOCIADA AO USO DE TECNOLOGIA: E COMO A VIVENCIA E EXPERIENCIAS DO PROFESSOR INTERFERE NESTE PROCESSO..... 15
Lásara Marta Rodrigues de Rezende
Cleriston Fernandes Teixeira
Davi Oliveira da Cruz
Emanoela Reinaldo Gomes
José de Miranda Freire Junior
Luciano de Jesus Santos
Rosilda Barros Pereira Silva
Zenóbia Menezes de Brito

Capítulo 2 - APRENDIZAGEM COLABORATIVA: E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO ASSOCIADO A BLOOM 23
José de Miranda Freire Junior
Aurea Rodrigues Donato
Leydiane Gomes Cruz
Lásara Marta Rodrigues de Rezende
Sandra Regina Moisés da Silva
Shirley Semprebom Mafra
Wanessa Carmo Telhado Vasques
Zenóbia Menezes de Brito

Capítulo 3 - UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR NO ÂMBITO EDUCACIONAL: E COMO A TECNOLOGIA ATUA INFLUINDO NO FAZER EDUCATIVO 31
Lásara Marta Rodrigues de Rezende
Antônio Marcos Oliveira da Silva
Hiarlen Carnellosi Carolino Cella
José de Miranda Freire Junior
Karyne Guimarães da Silva
Letícia Silva Rodrigues
Rosilda Barros Pereira Silva

Capítulo 4 - GERAÇÃO SCREENAGERNS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PROFESSORES E ESCOLAS 37
Keila Marta de Resende
Aurea Rodrigues Donato
Edilson Damasceno
Janeydes Alves Pereira Gaspar
José de Miranda Freire Junior
Letícia Silva Rodrigues
Sheila Gomes de Assis
Vander Aparecido de Castro

Capítulo 5 - A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA SALA DE AULA INVERTIDA PARA UMA APRENDIZAGEM MAIS SIGNIFICATIVA 47
Ricardo Furtado de Oliveira
Antônio Marcos Oliveira da Silva
Flavianne Guilherme Ribeiro Pereira Silveira
Janeydes Alves Pereira Gaspar
José de Miranda Freire Junior
Karyne Guimarães da Silva
Keila Marta de Resende
Leydiane Gomes Cruz

Capítulo 6 - PRÁTICAS DIGITAIS NA ESCOLA, SEGURANÇA E CIDADANIA DIGITAL 55
Keila Marta de Resende
Ana Gabriella Moreira de Moura
Jorge Sales e Silva Neto
José de Miranda Freire Junior
Ricardo Furtado de Oliveira
Rosilda Barros Pereira Silva
Walace Cabrini
Zenóbia Menezes de Brito

Capítulo 7 - JORNADA DE TRABALHO EXCESSIVA E ASSÉDIO MORAL: SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR 65
Silvana Maria Aparecida Viana Santos

SOBRE OS AUTORES 87

APRESENTAÇÃO

Horizontes Digitais: Desafios e Oportunidades na Educação é uma obra que trata do complexo universo da educação no mundo digital, explorando os desafios e as oportunidades que surgem com a integração da tecnologia no ambiente educacional. Dividido em oito capítulos, este livro oferece uma análise abrangente e detalhada das questões fundamentais que permeiam a interseção entre educação e tecnologia.

O primeiro capítulo, "Educação Associada ao Uso de Tecnologia: e como a Vivência e Experiências do Professor Interfere Neste Processo", investiga o papel do professor no contexto da educação digital e como suas experiências moldam o uso eficaz da tecnologia em sala de aula.

Em seguida, "Aprendizagem Colaborativa: E a Construção Social do Conhecimento Associado a Bloom" aborda a importância da colaboração e da construção coletiva do conhecimento, utilizando a taxonomia de Bloom como referência para compreender os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem digital.

O capítulo "Utilização do Computador no Âmbito Educacional: E Como a Tecnologia Atua Influenciando no Fazer Educativo" examina de perto o impacto do computador na prática educacional, destacando como a tecnologia pode transformar os métodos de ensino e aprendizagem.

"Geração Screenagers: Desafios e Possibilidades para Professores e Escolas" direciona o foco para os desafios específicos enfrentados por professores e escolas na era digital, explorando as características e demandas da chamada "geração screenagers".

A metodologia ativa de sala de aula invertida é o centro de análise do capítulo "A Utilização da Metodologia Ativa Sala de Aula

Invertida para uma Aprendizagem Mais Significativa", que discute como essa abordagem pode promover uma aprendizagem mais engajadora e personalizada.

"Práticas Digitais na Escola, Segurança e Cidadania Digital" examina as questões de segurança e ética digital no ambiente escolar, destacando a importância de preparar os alunos para uma participação responsável na sociedade digital.

A jornada de trabalho excessiva e o assédio moral são temas sensíveis abordados no capítulo "Jornada de Trabalho Excessiva e Assédio Moral: Seus Impactos na Saúde Mental do Trabalhador", que destaca os desafios enfrentados pelos profissionais da educação na era digital e os impactos dessas pressões na saúde mental.

Em suma, *Horizontes Digitais: Desafios e Oportunidades na Educação* oferece uma visão abrangente e atualizada do cenário educacional digital, fornecendo perspectivas reflexivas valiosas para educadores, gestores escolares e todos os interessados em compreender os desafios e oportunidades da era digital na educação.

Silvana Maria Aparecida Viana Santos
Ricardo Furtado de Oliveira
(Organizadores)

Capítulo 1

EDUCAÇÃO ASSOCIADA AO USO DE TECNOLOGIA: E COMO A VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIAS DO PROFESSOR INTERFERE NESTE PROCESSO

Lásara Marta Rodrigues de Rezende
Cleriston Fernandes Teixeira
Davi Oliveira da Cruz
Emanoela Reinaldo Gomes
José de Miranda Freire Junior
Luciano de Jesus Santos
Rosilda Barros Pereira Silva
Zenóbia Menezes de Brito

Introdução

Abordar sobre a temática de tecnologias e a sua aplicabilidade e usabilidade em salas de aulas ou ambientes escolares, atualmente se equivaleria ao ditado como "chutar cachorro morto" pois, inúmeros são os artigos e materiais teóricos e empíricos que asseguram e defendem sobre os benefícios de tal pratica, e de como ela pode vir de encontro aos objetivos dos professores em perpetuar o ensino e trazer a educação e o aprendizado para uma realidade mais próxima com a qual o aluno está habituado. Porém, como implementar isso em um a realidade onde muitos já se tem a pratica? importante seria ressaltar que apesar de se ter uma maioria gritante de percentual de alunos que possuem acesso à internet e que tem a sua disposição no mínimo um aparelho que tenha acesso a internet ou que permita o acesso a esta e a execução de atividades, estes, não são portanto, uma totalidade, e, destacando então que a educação deve ser democrática

e influir suas raízes nos mais diversos níveis sociais, acredito que a sua pratica deva ressaltar e buscar atingir a todos independente de sua condição financeira ou status social.

Neste sentido, temos o entendimento de que os professores que hoje estão em atuação nas salas de aula, pouco ou nada se teve o contato com tais metodologias em seu construir como ser humano, afinal, eram tempos diferentes e a sociedade pouco se tinha a presença de grandes tecnologias inovadoras, ou se tinham, eram caras, o que isolava tal realidade somente para aqueles que possuíam alto poder aquisitivo o que dificultava muitas das vezes este contato e afastava, criando uma exclusão em ilhas tecnológicas que limitavam tal pratica somente a um grupo. Porem durante as décadas finais do século XX e advento do século XXI, notou-se uma grande expansão nos modelos de tecnologia e uma perceptível queda dos valores para aquisição de tais, causando então uma maior retirada deste recurso das mãos de quem possuía e causando em uma democratização deste meio.

Outro fator que impulsionou o conhecimento dos chamados *Screenagers* no âmbito tecnológico foi a exigência de mercado e da educação, visto que na graduação passou a ser exigidos a utilização de recursos tecnológicos e digitais que pudessem auxiliar o aluno em apresentações ou estudos, tais como apresentação em exposição digital ou desktops para armazenamentos de arquivos. De toda forma algumas mudanças foram se evidenciando até chegarmos a na atual realidade, onde o envio e recebimento de informações já se fazem de forma fluida e praticamente instantânea através de aplicativos de smartphones.

O aluno do século XXI sofre desde muito cedo, uma extensiva exposição aos recursos tecnológicos e principalmente aos recursos midiáticos, e isto causa nele, além de possíveis problemas de socialização ou de comunicação, causa uma facilidade muito superior aos nascidos a décadas atras, pois a familiarização com este ambiente e com os aparelhos digitais causam neles uma certa intimidade com estes recursos que outros mais velhos podem não ter, muito em razão do contexto social e histórico em que ambos

se inserem que apresentam uma total analogia e discrepância que não tem como nem mensurar mas também pelo evoluir social que nos trouxe atualmente a uma realidade onde a convivência e possível dependência desses recursos tecnológicos se tornou algo do cotidiano, onde, constantemente nos vemos atrelados a tais uso e necessidade sociais das quais se tornaram atrelados a tais tecnologias

Com tal liberdade, delineou-se também a liberdade do aluno em decidir seu modo de aprendizado, seja ele presencial ou a distância (EAD), e também em questões sobre como este iria levar seu modo de aprendizado, desenvolvendo autonomia sobre suas questões e de como desenvolver seus estudos, neste sentido, temos que:

> Os recursos tecnológicos em sala de aula podem oferece uma grande contribuição para a aprendizagem, além de valorizar o professor que, ao contrário do que possa vir a pensar, poderá ensinar com maior segurança e estará mais próximo da realidade extraclasse do aluno. (Souza e Pataro, 2009).

Deste modo, torna-se perceptível que o papel do aluno, assim como o papel da tecnologia, também mudou, partindo de uma função menos acomodada por assim dizer e indo em direção á um local mais ativo e protagonista de seus recursos educacionais, e muito disso vem em companhia da tecnologia, pois a necessidade da criação de plataformas e recursos técnicos que permitiram esses alunos a tomarem autonomia em seus estudos, atuando também na filtragem e acima de tudo da livre busca de informações uteis para o acréscimo de seu conhecimento. Em âmbito educacional notória é a importância dos usos de recursos tecnológicos que visem a facilidade e a potencialização, tanto em consonância a atuação do professor, auxiliando no planejamento de aulas, no balanço de notas e de frequência e também na continuação da preparação profissional, pois professores devem sim, continuar buscando se aprimorar e se adaptar aos meios em que são inseridos, atendo as expectativas dos alunos e as exigências de seus órgãos regulamentadores. E aqui, esbarramos em uma problemática recorrente no cotidiano de muitas escolas, que seriam a falta da preparação profissional para

a lida com as novas tecnologias, o que acabam pondo a qualidade do ensino de alunos em risco, pois as características apresentam dos alunos é que, estes, apresentam uma necessidade de se ter uma aprendizagem multifocal, que não objetive somente aos modelos arcaicos de educação que se baseiem somente em quadro e giz, mas também que acrescente nisto outras funções como: vídeos, aulas expositivas com auxílio de apresentações digitais, podcasts, ou até mesmo músicas que podem ser utilizadas em aulas, principalmente as de inglês. Neste sentido, tem-se a conclusão de que:

> O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidades cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na Internet. (Araújo. 2005).

Concluindo então o pensamento inicial de que o uso e o conhecimento na manipulação de recursos tecnológicos, seja ele, aparelhos ou inovações requer bastante elaboração e planejamento do corpo gestor e educador de cada instituição. Associado também aos investimentos Governamentais voltados para esta área, destinando verbas para que adquiriram: computadores, capacitem suas salas de aula, comprem material data show, passadores de slide. E que o Governo atue vividamente na criação de planos de ação que mirem na principal chave educadora, o professor, criando cursos preparadores e de qualificação, principalmente aqueles que não possuem conhecimento ou intimidade com o fazer tecnológico, para que assim, futuramente se tenha uma minimização dos índices e na triste presença de profissionais que pouco se utilizam dos benefícios advindo destas praticas, pelo simples motivo, da falta da convivência ou conhecimento.

Problemáticas

Além desses fatores que podem limitar a aplicabilidade tais como, a ausência de investimentos Governamentais, seja ele por parte do Governo Federal ou estadual, enfim, independentemente de onde venha ou de que organização parta, o ponto a ser tratado é que se necessita obrigatoriamente o investimento em paramentação tecnológica ou em sites e plataformas online que sirvam para uso de ambos (alunos e professores) ou que sirvam como uma ferramenta para melhor preparação de professores, para que assim consigam orientar melhor estes alunos, e aplicar estes recursos dentro de sala de aula, e potencializar os índices de aluno e da sala como um todo.

Analisando também, fora outros fatores já citados em escritas anteriores a este parágrafo, como as limitações individuais de alguns professores que não possuem afinidade com a vivencia associada com meios tecnológicos e que podem ser tanto pela ausência do contato, dificuldade de acesso, desinteresse, ou também, tanto quanto também temos fatores que individuais, tais como opiniões de atuações e de didática de cada professor pois, as individualidades e preferencias de lecionar varia muito e devem sim serem aceitas, afina, apesar de ser bem vantajoso e preferível por alunos, os recursos tecnológicos podem não vir de encontro com a metodologia aplicada naquela sala ou naquela disciplina. Sendo assim, neste momento podemos citar que:

> Dois educandos não reagem da mesma forma, na mesma época a uma mesma oportunidade de aprendizagem oferecida. Cada um reage de acordo com sua fase de desenvolvimento e alguns já veem preparados de sua casa, mas outros não tem ideia de como será a escola. (Lembo, 1975).

Para tanto, são notórias estas divergências de aplicação de modo de lidar com a educação, e que apesar não se ter uma aplicação direta em sala, em outros momentos, sim, estaria presente o uso dessa. Podemos citar algumas vantagens e desvantagens deste uso:

> Vantagens: melhor controle de sala de aula em relação a

> presença e nota, melhor imersão do aluno em relação ao professor trazer mais alusões de vida prática, didática alternada entre videoaulas e outros meios, maior interação de alunos, atenção mais centrada na aula com a dispersão minimizada.

Desvantagens: dificuldades em controle de sala, índices e nota, dificuldade em manter o aluno focado na didática da aula, dificuldade da permanência do aluno no ensino, dificuldade também do aluno em conseguir visualizar possíveis situações que seriam ou poderiam ser melhor elucidadas ou visualizadas pelos alunos.

Por fim, estes fatores estariam mais relacionados com fatores que colocaria a aula num local mais atrativo e interativo, facilitando a capacidade dos alunos em aprender ou absorver estes conteúdos.

Relato

Trazendo este conceito para minha vivencia, posso afirmar que apesar de ter nascido teoricamente em um tempo no qual já se tinham algumas tecnologias, minha vivencia inicial com estas, eram extremamente limitadas, e não me enquadrando então aos ditos Screenagers, que seriam estas pessoas que tem facilidade ou afinidade com estes recursos. Desta forma, tive que por vontade e interesse meu, fui atrás de conhecimento mais envolta deste tema, através de cursos presencias de capacitações e de preparação voltado a isto, pois, acredito que o papel do professor é analisar o perfil dos alunos e do contexto social em que a população se encontra, destinando também atenção principalmente as diretrizes coordenadas pelos órgãos superiores de educação. Neste sentido, temos:

> Este tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente como um meio e como uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para

> desenvolver suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Delors (2001, p. 91).

A preparação, o interesse, a capacitação, o investimento e equipagem de escolas, são chaves indispensáveis para a permanência deste tipo de ensino, uma vez que os alunos não podem ser prejudicados por dificuldades e/ou falta de intimidade e contato com este modelo.

Considerações finais

Em minha experiencia como professora e atuando diretamente com os alunos, posso criar um paralelo em relação ás minha experiencias durante a minha formação no ensino fundamental e médio, com a atual realidade que convivo diariamente e, sem sombras de dúvidas, é facilmente perceptível, não só para mim, mas também para meus colegas de profissão que os investimentos nesta área cresceram de uma maneira assustadora, onde, mesmo que ainda não é aquilo no qual objetivamos, se teve sim, uma grande evolução.

Os professores de hoje, possuem uma facilidade maior em relação aos aparelhos digitais, porém muitas das vezes podem ser ineficientes quando colocados a uma vasta demanda. E, desta forma encerro voltando a relembrar sobre a necessidade do bom planejamento governamental e do corpo escolar para a implementação de novas técnicas

Referências

Araújo, R. S. de. 2005. Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental. In: Mercado Luís Paulo Leopoldo (org.).

Vivências com Aprendizagem na Internet. Maceió: Edufal.

Delors, Jaques (org). 2001 Educação: um tesouro a descobrir.

Editora Cortez. Brasília, DF: MEC: UNESCO, 6ºedição.

Lembo, J. M. 1975. Porque falham os professores. São Paulo, EUP.

Souza, R. de. J. Pataro, P.R.M. 2009 Vontade de saber matemática. São Paulo: FTD.

Capítulo 2

APRENDIZAGEM COLABORATIVA: E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO ASSOCIADO A BLOOM

José de Miranda Freire Junior
Aurea Rodrigues Donato
Leydiane Gomes Cruz
Lásara Marta Rodrigues de Rezende
Sandra Regina Moisés da Silva
Shirley Semprebom Mafra
Wanessa Carmo Telhado Vasques
Zenóbia Menezes de Brito

Introdução

A aprendizagem colaborativa é uma prática resultante de várias correntes de pensamento pedagógico. A partir século XVIII, diversos educadores europeus, tais como George Jardine, John Dewey, Profit e Celestin Freinet, entre outros, propuseram técnicas de trabalhos em grupos, de cooperação escolar.

As principais características da aprendizagem colaborativa são a interação, a colaboração, resoluções de problemas, trabalho em grupo, divisão de tarefas, aprendizagem síncrona ou assíncrona, corresponsabilidade, relacionamento solidário, liderança partilhada, aluno protagonista da aprendizagem e professor facilitador da aprendizagem, entre outras.

Na perspectiva da educação colaborativa, a aprendizagem acontece com o envolvimento direto de todos na construção do conhecimento, compartilhando ideias, buscando informações, juntos tomando decisões e chegando a conclusões em conjunto.

A criação de recursos alternativos cujos quais se alcancem maneiras colaborativas exige uma conectividade que proporcione a integração dos envolvidos na construção do conhecimento coletivo, assim os recursos tecnológicos são indispensáveis para o desenvolvimento desse tipo de aprendizagem.

Todavia, para a realização da metodologia da aprendizagem colaborativa é fundamental um planejamento didático pedagógico bem elaborado, com objetivos claros e com instrumentos avaliativos condizentes com o seu trabalho, partindo dessa premissa, percebe-se a importância de um instrumento que vá auxiliar nesse planejamento, e, o instrumento que se encaixa na filosofia da aprendizagem colaborativa são as descrições abordadas na metodologia educacional abordada neste Web Quest (Bloom) , cuja sua finalidade, segundo Ferraz e Belhot (2010) é auxiliar a identificação e a declaração dos objetivos ligados ao desenvolvimento cognitivo que engloba a aquisição do conhecimento, competências e atitudes, visando facilitar o planejamento do processo de ensino aprendizagem.

Buscando a integração da aprendizagem colaborativa com recursos tecnológicos educativos o Blended Learning, ou b-learning é uma excelente alternativa por combinar práticas educativas presenciais e a distância, isto é o ensino híbrido, que possibilita o trabalho em equipe, com interatividade e corresponsabilidade, características também da aprendizagem colaborativa.

Dessa forma, o objetivo principal desse trabalho é levar à reflexão sobre a valia da aprendizagem colaborativa e da taxonomia para uma aprendizagem focada na autonomia do aluno, além de propor a modalidade Blended Learning para reforçar a troca informativa entre a aprendizagem colaborativa e Bloom. A metodologia utilizada foi pesquisas a artigos científicos, periódicos, sites que trata do assunto. Depois da revisão bibliográfica, realizou-se a escrita do trabalho.

Similaridade entre aprendizagem e Bloom

O que é aprendizagem colaborativa? Simples! A ideia de aprendizagem colaborativa está relacionada à interação e à colaboração (Pereira e Costa, 2022), essas autoras coloca esse modelo de aprendizagem como bidirecional ao afirmar que está no aprender ensinando e ensinar aprendendo. Para Dillenbourg(1999, citado por Torres e Irala, 2014) a aprendizagem colaborativa é uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas. Esse é um conceito simplista de aprendizagem colaborativa, todavia podese conceituar esse modelo de aprendizagem como sendo uma metodologia que defende a construção social do conhecimento, por meio da interação de pessoas que trabalham em equipe, compartilhando objetivos, dividindo tarefas, procurando resolver problemas, rejeitando a reprodução do conhecimento.

> Assim, pode-se dizer que a aprendizagem colaborativa é muito mais que uma técnica de sala de aula, é "uma maneira de lidar com as pessoas que respeita e destaca as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo." (Panitz, 1996, p.1) Todos compartilham responsabilidades e autoridade, assim o aluno possui um papel mais ativo na condução do processo. (Torres, 2014, p. 9).

Na aprendizagem colaborativa valoriza-se a educação inclusiva uma vez que propõe a superação de preconceitos, o conhecimento prévio dos alunos é o ponto de partida para atividades desafiadoras, o aluno é o principal responsável pela sua aprendizagem, já o professor é o mediador da aprendizagem assumindo o papel de problematizador dos conteúdos, e responsável por incentivar e auxiliar o protagonismo, a autonomia dos alunos.

Michaelsen e Black (1994) citados por Cunha (CUNHA, 2009) afirmam que o aprendizado em equipe apresenta vantagens tais como:

1. Aumento do nível de aprendizado;
2. Formação de recursos necessários para a solução de

problemas;

3. Melhoria da eficácia da instrução baseada em computador;

4. Eliminação de bases para estereótipos baseados por exemplo, em raça, sexo, idade e deficiências físicas; e 5. Redução da taxa de desistência.

Segundo Young e Henquinet (2000) citados por (CUNHA, 2009) a educação de colaboração também favorece a formação de meios tais como: relacionamento interpessoal, resolução de conflito, tomada de decisão, técnicas de comunicação, gerenciamento de tempo, técnicas de avaliação, colaboração. E todas essas habilidades são fundamentais para que os educandos sejam autônomos no processo de aprendizagem.

Taxonomia de Bloom e o planejamento educacional

A base de uma educação é o planejamento de todas as ações que serão tomadas para a realização do processo ensino aprendizagem. Assim, é no planejamento que se determina os conteúdos, os objetivos a serem atingidos, os procedimentos, os recursos que serão utilizados, as estratégias ou metodologias que serão usadas, as possíveis atividades que podem ser realizadas e por fim, quais os instrumentos de avaliação que irão verificar os resultados do processo. Atualmente foram criados diversos instrumentos para dar suporte ao planejamento educacional. Dentre esses instrumentos podemos classificar a taxonomia de Bloom como um método capaz de sustentar o planejamento e delineamento dos processos e instrumentos de avaliação. Exclusivamente por possuir uma grande responsabilidade de encabeçar, organizar, e findar os sistemas informacionais, analíticos e/ou de sistemas de conceitos.

A Taxonomia de Bloom foi criada por um grupo de psicólogos da Universidade de Chicago, liderado pelo psicólogo e pedagogo Benjamin Bloom, ainda é conhecida como Taxonomia dos objetivos educacionais. Esse grupo organizou a taxonomia sob três domínios: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor, mas focaram

no domínio cognitivo. A Taxonomia de Bloom tem como objetivo colaborar para a organização do planejamento e controle dos objetivos educacionais ligados ao domínio cognitivo responsável pela aquisição do conhecimento, desenvolvimento de competências e atitudes.

Parafraseando o pensamento citado por Bloom et al, no qual ele afirma cruamente que a Taxonomia de Bloom seria uma das formas nas quais se tem a possibilidade de se obter um ambiente no qual fosse bem mais simples, fluido e constante a troca de informações entre os integrantes desta rede colaborativa, podendo estar vinculado aos sistemas educacionais, produtivos e analíticos de uma empresa ou instituição.

Podemos citar algumas das várias vantagens da taxonomia de Bloom, tais como:

- Promoção de um aprendizado mais completo;
- Auxilio ao planejamento e definição dos objetivos de aprendizagem;
- Auxílio da escolha de ferramentas e estratégias pedagógicas;
- Permissão do avaliar o aprendizado de forma contínua;
- Estimula o desenvolvimento de diversas habilidades;

A aprendizagem colaborativa e o Blended Learning

Com o advento das tecnologias da comunicação e da informação, a educação colaborativa ganhou mais força, pois de acordo com Pereira e Costa, 2022 aperfeiçoar pontos de maiores competências e aumentar os apoteciais colaborativos, demanda estudo e desenvolvimento de redes e plataformas colaborativas. Além disso, o uso dos recursos tecnológicos educacionais facilita o trabalho em equipe, a autonomia do aluno, o aprender fazendo, rompe barreiras temporais e espaciais, possibilitando uma maior interação entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

O Blended Learning é uma proposta de educação híbrida

que possibilita aulas *offline* e *online*, ou seja, presencial e a distância, usando de diversas metodologias e recursos. Para Pereira e

Costa, 2022, "esse modelo possibilita maior integração e troca de experiências entre os participantes, a realização de dinâmicas em grupo, maior colaboração entre os estudantes e melhor capacidade de avaliação.

A proposta do Blended Learning, coloca o professor como mediador da aprendizagem dos seus alunos, este é responsável por promover a interação, as trocas de experiências, o uso das tecnologias, além de incentivar a autonomia do aluno, ou seja, criar condições e contextos para que o educando seja sujeito ativo na construção do seu conhecimento. Assim:

> O *b-learning* oferece oportunidades de aprendizagem mais diversificadas. Neste contexto, consideramos que diferentes modos de ensino são complementares, entendendo que pessoas diferentes aprendem de forma diferente, o que leva os alunos a terem facilidade em aprender com determinado tipo de conteúdo. Esse modelo favorece a combinação de abordagens, ferramentas de ensino, tornando-se eficaz para alunos com vários estágios de habilidade. (Pereira e Costa, 2022, p. 5)

A proposta do b- learning em conjunto associado a metodologia educacional abordada durante o delinear do presente trabalho, possibilita uma aprendizagem colaborativa e com autonomia atingindo todas as categorias da grande pirâmide de estágios necessários a serem adotados nesta metodologia taxonômica, do conhecimento à avaliação, na teoria original ou do recordar até o criar, na teoria revisada em qualquer nível de complexidade de aprendizagem.

Considerações finais

A educação colaborativa é uma proposta que, embora não seja atual, vem de encontro com as transformações que a educação vem passando, propõe uma educação baseada no trabalho em equipe, que exige dos seus atores uma corresponsabilização,

promove a interação dos alunos com um professor mediador e incentiva o protagonismo dos docentes criando contextos educacionais para tanto. Essa aprendizagem colaborativa é bastante favorecida pelo uso das tecnologias, que rompem barreiras espaciais e temporais, uma das características do chamado ensino híbrido, assim, o Blended Learning é uma excelente alternativa para integrar a educação colaborativa com o uso dos recursos tecnológicos. Reforçando essa interação, a de Bloom, surge como instrumento adequado para suprir as necessidades estabelecidas no planejar pedagógico com vistas ao desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa que promova o protagonismo estudantil.

Referências

Blog Saraiva – O que é e como aplicar as estratégias da Taxonomia de Bloom no ensino superior, 2022. Disponível em: https://blog.saraivaeducacao.com.br/taxonomia-debloom/#:~:text=O%20principal%20objetivo%20da%20Taxonomia,dom%C3%ADnios%20pr opicia%20diferentes%20oportunidades%20educacionais.

Cunha, A. A. S. Da. Definição de um modelo de aprendizagem colaborativa apoiado por computador com ênfase em trabalho em equipe. Campinas: Dissertação (Mestrado - Programa de Pos-Graduacao em Engenharia Eletrica), 2009.

Ferraz, A. P. C. M e Belhot, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais Link: https://www.scielo.br/j/gp/a/bRkFgcJqbGCDp3HjQqFdqBm/?for mat=pdf&lang=pt

Pereira, A. C. S (2022) e Caetano, A. C. M. (2022) Conteúdo organizado do livro Lawrence

A. T. (org.). (2008) Encyclopedia of Information Technology Curriculum Integration. Hershey: IGI Global. Flórida: Must University

Pereira, A. C. S (2022) e Costa, D. (2022) Conteúdo organizado do livro Lawrence A. T. (org.). (2008) Encyclopedia of Information Technology Curriculum Integration. Hershey: IGI Global. Flórida: Must University

Torres, P. L. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem eurek@kids. Cadernos CEDES, São Paulo, v. 27, n. 73, p. 335-352, set./dez. 2007.

Torres, P. L. (2014). Aprendizagem colaborativa: Teoria e Prática. Link: https://www.researchgate.net/publication/271136311_Aprendizagem_colaborativa_teoria_e_pratica.

Capítulo 3

UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR NO ÂMBITO EDUCACIONAL: E COMO A TECNOLOGIA ATUA INFLUINDO NO FAZER EDUCATIVO

Lásara Marta Rodrigues de Rezende
Antônio Marcos Oliveira da Silva
Hiarlen Carnellosi Carolino Cella
José de Miranda Freire Junior
Karyne Guimarães da Silva
Letícia Silva Rodrigues
Rosilda Barros Pereira Silva

Introdução

O ato de lecionar é algo que de tempos em tempos sofrem mudanças e alterações, esta capacidade dela de se tornar flexível aos demais alterações advindas do mundo exterior dos quais não englobam necessariamente a educação, mas subitamente acabam a atingindo a algum nível, seja ele aumentando as expectativas de nossos alunos em relação ao papel da escola em frente ao mundo e a sociedade ou seja ele em como a escola deve tomar medidas que os proporcionem maior aprendizado. Nesta perspectiva temos como uma etapa, a atuação do computador no sentido da construção de um ambiente que proporcione ao aluno uma maior imersão e maior interatividade, influindo sobre a realidade desse aluno e também mesclando sobre o mundo exterior e no ambiente de ensino. Notório é a visualização de que a tecnologia sofreu um grande salto nas questões de qualidade, eficiência e praticidade, mas também no sentido de preço, pois que antes eram vistos como algo demorado de cansativo manuseio, que requeria muito tempo para o uso, e um privilégio para poucos, passou a se apresentar como uma ferramenta

cada vez mais aliada da vida e do cotidiano humano, através dos estudos e do surgimento de inúmeras empresas questões como as anteriormente foram descritas foram gradualmente se perdendo e os preços acompanhou esse passo, se tornando uma realidade mais possível de se ser vista dentro das casas desses alunos, sejam eles pertencentes a classes sociais mais altas, ou até mesmo os de classes mais carentes. Tal realidade foi presente nos estudos de algumas décadas atras onde tudo era mais difícil, os computadores não possuíam rede de internet via wireless, e deviam obrigatoriamente estar conectados a fios de rede a cabo, associado à rede telefônica e até mesmo o espaço que os antigos computadores demandavam para serem instalado eram extremamente grandes, o que hoje não se encontra, graças as telas *slim,* ou a existência dos notebooks, que nos permite também a utilização deste em vários lugares, graças a sua possibilidade de ser carregado aos lugares que dele necessitem. E neste contexto, já entendidos de que os dispositivos digitais, e neste caso mais especificamente os computadores exercem grande influência na vida das pessoas, levando a se tornarem mais conectadas e mais entendidas deste assunto, temos que, segundo as teses defendidas por Moran, ele acreditava que as tecnologias agiam por influenciar e alterar as experiencias em que o indivíduo irá vivenciar em sua trajetória a qual realizar o uso destes recursos. E tal, ideia pode ser visualizada em sua afirmação que defende que:

> A miniaturização das tecnologias de comunicação permite maleabilidade, mobilidade, personalização que facilitam a individualização dos processos de comunicação, o estar sempre disponível (alcançável), em qualquer lugar e horário. Essas tecnologias portáteis expressam de forma patente a ênfase do capitalismo no individual superior que no coletivo, a valorização da liberdade de escolha, de eu poder agir, seguindo a minha vontade. Elas veem de encontro a forças poderosas, instintivas, primitivas dentro de nós, às quais somos extremamente sensíveis e que, por isso, conseguem fácil aceitação social. (Moran, 1995).

A tecnologia, como descrito anteriormente teve uma queda

em seus custos de adquirição, porem isso nem de longe significa que se tornou acessível a todos, afinal temos diferentes realidades dentro de um mesmo ambiente escolar, situações onde crianças de uma mesma faixa etária, mesmo que dividindo a mesma sala, presenciam em casa realidades totalmente análogas uma da outra, muito em razão da condição financeira que acaba influenciando e diminuindo as possibilidades destes alunos de se aprimorar e permanecer em constante evolução educacional. Este fenômeno chamado de exclusão digital se dá quando um certo grupo de pessoas não possuem a oportunidade de deter dessas tecnologias, e isso não se incumbe somente no âmbito dos computadores, mas sim de todas aquelas tecnologias que hoje julgamos como necessárias para a existência humana, como a televisão, luz elétrica, aparelhos celulares e dentre tantos outros recursos que nós, que já os possuímos, acabamos por muitas vezes os banalizando, e, a solução deste problema, nem de longe se resolveria somente na disponibilização de aparelhos para esta população, afinal, do que adiantaria dar o produto sem se ter um mínima capacitação ou apresentação sobre os recursos e ferramentas disponíveis para o uso, sem se quer apresentar como tal ferramenta pode auxiliar na construção do saber deste indivíduo, e dentre tantas outras questões que acabamos esbarrando quando abordamos a inclusão da tecnologia dentro das escolas, afinal, são várias situações e cada situação de cada aluno deve ser analisada separadamente para que sejam sanadas estes déficits. E nesta linha, temos a seguinte afirmação:

> Dizer que inclusão digital é somente oferecer computadores seria análogo a afirmar que as salas de aula, cadeiras e quadro negro garantiriam a escolarização e o aprendizado dos alunos. Sem a inteligência profissional dos professores e sem a sabedoria de uma instituição escolar que estabelecessem diretrizes de conhecimento e trabalho nestes espaços, as salas seriam inúteis. Portanto, a oferta de computadores conectados em rede é o primeiro passo, mas não é o suficiente para se realizar a pretensa inclusão digital (Rondelli, 2003).

Sendo assim, fica explicito que acima do fornecimento destes

recursos para a população devemos antes realizar uma preparação destes professores e gestores para que realizem um trabalho sério e que traga reais frutos para a instituição.

Seria simples?

Apesar de muito proveitosa essas iniciativas de se trazer a tecnologia para uma realidade mais próxima dos estudantes, estas apresentariam diversas barreiras a serem ultrapassadas para que se tenham reais resultados. Como descrito, diversos são os cenários de inserção de nossos alunos, sejam eles em meio social ou das próprias instituições, e isso nos traz outras visualizações de que não seriam tão simples como a compra destes materiais e o fornecimento dos mesmos aos centros educacionais, mas sim, deveriam ter anteriormente a isso um estudo mais a fundo e uma pesquisa de cada instituição sobre a disponibilidade de salas para serem destinadas paras as práticas com uso das tecnologias, sobre a disponibilização de sinal de internet para a futura conexão destes computadores, de mesas para servirem se suporte e até mesmo se a rede elétrica sustentaria tal demanda energética para aquela instituição. E de onde advinde a resolução destes problemas? se for de escolas públicas, sejam elas estaduais ou municípios, cabe ao próprio Governo em parceira de empresas que incentivem a pesquisa e a educação de realizar investimentos não só financeiro (mas principalmente) com o intuito de minimizar essas diferentes e englobar cada vez mais estudantes nesta realidade, e neste sentido, temos que:

> É necessário buscar, superar desafios, mecanizar saberes, criar frequentemente a rede, formando e desatando novos nós conceituais que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, filosofias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. (Almeida, 2002).

Aqui podemos finalizar defendendo que sim, é possível mesmo que a longo prazo, através do fornecimento de capacitações online ou presenciais destes professores e gestores para uma melhor orientação destes alunos para um bom uso dessas redes e meios, e melhor que isso também, se possível realizar cursos com estes alunos para que eles consigam aproveitar em uma maneira potencializada as vantagens do computador em favor d educação.

Relato

Em minha trajetória posso citar um caso que pude acompanhar, onde se teve alunos que estavam apresentando uma dificuldade maior de absorção de um conteúdo de matemática, e por mais que o professor tentasse, ele não conseguia surtir efeitos com estes alunos, dentro de sala, suas atividades e modos de ensino eram cada vez mais vistos como um desafio no dia das crianças. Foi quando ele notou que na escola possuía um laboratório de informática onde que mesmo que com poucos aparelhos, tinha um quantitativo que era capaz de atender a sua escola.

Em casa ele buscou vídeos de outros professores que estavam disponíveis na internet e assim, voltou para a casa propondo que os alunos pudessem acessar esse canal e assistissem quantas vezes fossem possíveis, e se caso não entendessem poderiam buscar a explicação por meio da voz de outro professor. e assim ele conseguiu fazer com que boa parte de seus alunos absorvessem este conteúdo.

Cientes do papel orientador do professor dentro da sala de aula e de como sua voz desempenha um papel de autoridade, temos que é imprescindível que:

> deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem (...) um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador de aprendizagem. (Gadotti, 2002, p. 32).

Podemos concluir que o professor também vive em constantes aprendizados e aprimoração de seus conhecimentos

para atender as demandas de seus alunos.

Considerações finais

Por fim, encerro minhas escritas sobre tal temática afirmando que este trabalho atendeu plenamente sua proposta inicial de realizar uma pesquisa sobre tal temática e além disso, formar um paralelo em relação às diferentes realidades encontradas dentro de nossas instituições.

Referências

Almeida, M. E. B. de. 2008. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. Projeto: Formação de gestores escolares e coordenadores para a gestão de tecnologias de informação e comunicação. MEC-SEEDPROINFO/UFPA/ SEDUC/PUCSP, 2002. Disponível em: http://www.projeto.org.br/gestor/cap10.doc Acesso em 08 de agosto.

Gadotti, M. 2002. A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido abceducatio. Ano III, n. 17, p. 30-33.

Moran, J. M.; Massetto, M. T.; Behrens, M. A. 2000. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus.

Rondelli, E. 2003. Quatro passos para a inclusão digital. IN: Revista I-Coletiva, 24 jun. Disponível em http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/5/4passos.htm Acesso em: 08 agosto.2023.

Capítulo 4

GERAÇÃO SCREENAGERNS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PROFESSORES E ESCOLAS

Keila Marta de Resende
Aurea Rodrigues Donato
Edilson Damasceno
Janeydes Alves Pereira Gaspar
José de Miranda Freire Junior
Letícia Silva Rodrigues
Sheila Gomes de Assis
Vander Aparecido de Castro

Introdução

A presente pesquisa, tem por objetivo geral, refletir sobre a geração dos nativos digitais, os chamados screenagers, que compõem a geração Z, seus comportamentos, o que fazem e quem são; bem como o uso da multitarefa e os impactos de seus comportamentos na educação e na aprendizagem.

E os objetivos específicos estão relacionados aos conflitos de gerações, como lidar com os mesmos; bem como as possibilidades como o uso de plataformas adaptativas e desafios para professores e escolas.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foram apresentadas informações e reflexões a respeito das consequências dos comportamentos dos screenagers e algumas possibilidades para que as escolas consigam promover um equilíbrio entre as necessidades dos nativos digitais e ao mesmo tempo promover uma sociedade mais humanizada, criativa no sentido da

reflexão profunda e menos individualista e solitária.

Geração Screenagers e a educação

O excesso de uso das mídias digitais entre os jovens é impressionante! Por isso, os adolescentes de hoje são chamados de "Screenagers", um termo usado para descrever o ato de ler na tela. Eles são despertados por um alarme de um celular e verificam as mensagens, muitas vezes antes mesmo de levantarem da cama. Eles vão à escola ou trabalham em algo que está sempre relacionado a mídias digitais e passam a maior parte do dia interagindo no mundo digital. À noite, eles interagem com os amigos através de telas, claro e podem finalmente sentar para relaxar com a internet, geralmente em redes sociais e comunidades virtuais.

Dada a primazia da cultura de tela entre os adolescentes, existe a necessidade de refletir sobre novos tipos de atitudes e comportamentos dos *Screenagers* e a educação, bem como os desafios para pais, professores e escolas.

Como afirma Rushkoff (1999), os *Screenagers*, geração que nasceu na década de 80, que interage com os controles remotos, mouse, internet, pensam e aprendem de forma diferenciada.

Segue algumas características que demonstram a forma diferente de pensar dos *Screenagers* como: optam por multitarefas, experiências particularizadas, leem textos de maneira não linear, preferem imagens, vídeos, sons em lugar de palavras; recorrem ao *Google* e não a livros físicos*;* possuem boa capacidade de criar, personalizar e distribuir informações; foco maior no individualismo; preferem se comunicar por dispositivos digitais; escolhem lidar com máquinas do que com humanos; pensam que, se algo der errado, eles sempre poderão pressionar um botão e começar de novo; exigem ambientes carregados de mídias digitais, querem respostas instantâneas, também gostam de elogios e recompensas constantes; os *screenagers* vivem no aqui e agora e tudo deve acontecer de maneira instantânea; o cérebro dos *screenagers* é hiperalerta para

múltiplos fluxos de informação, embora a atenção e a compreensão possam ser superficiais; o cérebro do *screenagers* é ágil, mas, muitas vezes, ignora o contexto e a cultura ao seu redor e mais ampla.

Os *Screenagers* desejam experiências personalizadas, apreciam leituras robustas de elementos gráficos e *hyperlinks*. Eles também exigem velocidade e esperam que as coisas aconteçam rapidamente e, não são nem um pouco pacientes. Esse público também aprecia a gamificação.

Como afirma Bauman (2001) "Vivemos em tempos líquidos. Nada é feito para durar".

São duas as gerações consideradas nativas digitais: a geração Y e a Z, e os *Screenagers* pertencem à geração Z.

Os nascidos entre 1980 e 2000, fazem parte da chamada geração Y, eles são considerados a primeira geração a crescer em uma cultura de internet e envolto em um ambiente multimídia.

Já a geração Z, os nascidos entre 1990 e 2010, são demasiadamente familiarizados com a internet, possuem extrema facilidade em compartilhamento de arquivos, fazem uso do celular para quase tudo, estando, profundamente conectados, praticamente 24 horas. Pessoas de 35 anos ou mais usam um celular para gerenciar o dia. Para menores de 35 e especialmente os *Screenagers*, um celular é um dispositivo de proximidade tão importante, que permite remodelar o tempo e o espaço. Para eles um celular substitui carteiras, relógios e despertadores.

A comunicação pessoal dos *Screenagers* também está mudando. Quando querem terminar um relacionamento, simplesmente, alteram seus status do seu perfil do Facebook de "em um relacionamento" para "solteiro". Para eles, pode haver comunicação, sem o contato físico.

A vida em um mundo virtual também tem benefícios no mundo real. Na Universidade de *Stanford*, existem pesquisas sobre como a autopercepção afeta o comportamento humano. Especificamente, o laboratório estuda como as atividades *online* influenciam a vida real. Uma de suas descobertas é que há influência

significativa entre experiências virtuais e atitudes e comportamentos da vida real, em ambas as direções. Por exemplo, se uma pessoa se tornar cada vez mais confiante em um mundo virtual, essa confiança se espalhará pelo mundo real.

No entanto, também pode estar se desenvolvendo uma nova geração que não tenha resiliência e acredite que, quando as coisas derem errado, tudo o que precisam fazer é pressionar um botão e as coisas voltarão rapidamente ao início para outra tentativa. Em caso afirmativo, o que acontecerá quando aparecer algo difícil que eles não possam evitar, encaminhar ou excluir?

No tocante a educação, os professores podem enfrentar um conflito de estilos de ensino e aprendizagem. Professores mais velhos geralmente ensinam face a face e procedem de forma lógica ou passo a passo. Em contraste, os estudantes mais jovens tendem a pular de uma ideia ou pensamento para outra e esperam, naturalmente, ambientes carregados de elementos sensoriais.

Os *Screenagers* querem resultados instantâneos e recompensas frequentes, enquanto muitos professores consideram o aprendizado mais lento e sério e afirmam que os alunos devem apenas ficar quietos e ouvir.

De acordo com Watson (2010, p.15) "Estamos prestes a enfrentar um clima bastante tempestuoso nas próximas décadas, à medida que as mentes analógicas de professores e pais se chocam com as atitudes e comportamentos das mentes digitais".

Diante das reflexões realizadas nesta pesquisa e as informações apresentadas, percebe-se que há um vício de conectividade na sociedade atual, especialmente nas gerações anteriormente citadas.

Também afirma Watson (2010, p. 16),

> Desenvolvemos uma cultura de gratificação digital instantânea na qual sempre há algo para fazer – embora, ironicamente, nunca pareçamos estar totalmente satisfeitos com o que acabamos escolhendo. Pense na maneira como as pessoas pulam entre as músicas em um iPod, mal conseguindo ouvir uma única música, muito menos um álbum inteiro. Não é de admirar que empresas como a Motorola usem frases como

> "microtédio" como uma oportunidade para desenvolvimento de produtos.

Horrivelmente, um casal na Coreia do Sul recentemente permitiu que sua filhinha morresse de fome porque ficaram obcecados em criar um "filho avatar" em um mundo virtual chamado Prius Online. De acordo com relatórios da polícia, os dois, ambos desempregados, deixaram a filha sozinha em casa enquanto passavam sessões de 12 horas criando uma filha virtual chamada Anima em um cibercafé no subúrbio de Seul. (Watson, 2010, p. 16).

Considera também Watson (2010, p.20)

> Screenagers têm predileção por multitarefa e processamento paralelo. Um relatório da Ofcom em 2010 descobriu que, enquanto jovens de 16 a 24 anos gastam 6,5 horas por dia em mídia e comunicação, 29% desse tempo são multitarefas, espremendo assim 9,5 horas de atividade. Você pode estudar, estar no Facebook, assistir televisão e ter um telefone celular preso ao ouvido, mas alguma coisa substancial está entrando em seu cérebro?

A resposta é que a multitarefa têm efeito adverso na aprendizagem.

De acordo com Watson (2010, p.20)

> Cientistas usando imagens de ressonância magnética funcional (fMRI) descobriram que a troca constante necessária para realizar multitarefas de forma eficaz está danificando algumas de nossas funções cerebrais de nível superior, especialmente aquelas relacionadas à memória e ao aprendizado. Podemos quase lidar com duas coisas ao mesmo tempo, mas muitas vezes não conseguimos lembrar o que fizemos ou como ou por que o fizemos. Alguns estudos sugerem que a multitarefa aumenta os hormônios relacionados ao stresse, como adrenalina e cortisol, e isso está nos envelhecendo prematuramente por meio do que é chamado de fricção bioquímica.

Watson (2010) também compara livros físicos com eletrônicos. Os livros digitais contribuem para um ritmo acelerado, onde compromete a compreensão ampla da narrativa ou contexto. Já os livros físicos permitem que as pessoas desacelerem, tenham

uma mente mais calma e consigam uma reflexão mais profunda.

A tecnologia está profundamente presente nas vidas das pessoas da sociedade atual, homens, mulheres e crianças. Há pesquisas realizadas em várias partes do mundo, no Reino Unido por exemplo há dados que mostram que crianças de 10 a 11 anos ficam até 2000 horas em frente a uma tela durante um ano. Nos Estados Unidos uma criança na mesma idade durante uma semana, passa 10 horas no computador, 6 horas na internet e 13 horas assistindo televisão.

Watson (2010, p.29) informa que

> Dimitri Chistakis, pesquisador de pediatria da Universidade de Washington, cada hora de televisão que uma criança assiste antes dos 4 anos de idade, resulta em um aumento de 9% no risco de problemas de déficit de atenção aos 7 anos de idade. Por trás dessa afirmação, 79 por cento das crianças na GrãBretanha têm televisão em seu quarto e as prescrições de Ritalina para tratar a hiperatividade cresceram 300 por cento na última década.

Por outro lado, Watson (2010, p. 33 e 34) diz,

> A grande ironia aqui, é claro, é que os pais evitam brincar livremente em favor da escola organizada, ou de atividades voltadas para a carreira. Porque acreditam que isso tornará seus filhos mais inteligentes e bem-sucedidos. Brincar é brincar e trabalho é trabalho, eles, assumem. Mas um estudo seminal em Psicologia do Desenvolvimento descobriu que crianças que podiam brincar aleatoriamente com uma variedade de objetos comuns eram muito melhores em criar usos fora do padrão para outro objeto do que grupos de crianças que foram solicitados a fazer uma série de atividades. Em outras palavras, o jogo livre estimula a curiosidade, a imaginação e o pensamento original, que são precisamente as características que as empresas inovadoras dizem estar procurando atualmente.

Percebe-se que é inevitável o uso da tecnologia e imparável seu desenvolvimento acelerado. O mundo está cada vez mais tecnológico, mais virtual. Entretanto, pesquisas indicam muitos pontos negativos para o ser humano, principalmente para as crianças, como pensamento acelerado, falta de concentração e

perda da memória. Está sendo criada uma geração do copiar e colar e sem que haja compreensão, com um conhecimento superficial e sem reflexões consistentes. Claro que também existem os pontos positivos com o uso das tecnologias, como processamento e armazenamento de grandes dados como o Big Data, velocidade das informações, maior produtividade em tudo.

Nesse sentido conclui-se que é necessário que haja um equilíbrio entre o que é programado e o jogo livre, as atividades aleatórias precisam existir na primeira infância para que haja crianças mais saudáveis e capazes de enfrentar as demandas da vida real.

Diante de todo o exposto, os desafios para professores e escolas se tornaram cada vez maiores. Pois, não tem como ficar fora das tecnologias, e ao mesmo tempo, estamos diante dos nativos digitais e hoje em dia fala-se muito em um ensino personalizado.

Nesse percurso escolar, cheio de conflitos de gerações, uma alternativa bem interessante e está em crescente desenvolvimento, são as plataformas adaptativas.

O ensino adaptativo é uma metodologia de ensino cujo objetivo é interpretar as necessidades de cada aluno, individualizado, e se moldar para atender a cada um. Partindo do ritmo e dificuldades individuais dos aprendizes. Esse método propõe a personalização do ensino.

As plataformas adaptativas empregam uma combinação de tecnologias de big data, de Realidade Virtual e de Inteligência Artificial (IA) para identificadores, padrões de assimilação, pontos fortes e deficiências. O objetivo é sempre melhorar o desenvolvimento individual, reconhecendo as formas com que cada aluno aprende mais facilmente. É um sistema de aprendizagem personalizado que adapta, de forma inteligente, as etapas de ensino em resposta ao progresso do aluno.

Dessa forma Turkle (1997, p.59) aponta

> Interatuamos com um programa, aprendemos a aprender o que ele é capaz de fazer e habituamo-nos a assimilar grandes

> quantidades de informação acerca de estruturas e estratégias interatuando com um dinâmico gráfico na tela. E, quando dominamos a técnica do jogo, pensamos em generalizar as estratégias a outros jogos. Aprende-se a aprender.

No entanto, qual seria então o papel do docente diante do uso de uma plataforma adaptativa? Os professores acompanham e monitoram todo o desenvolvimento dos estudantes e podem usar os conceitos com os quais os alunos têm dificuldades de entender dentro da sala de aula, com a turma, para uma aprendizagem mais profunda com uma prática direcionada. Além disso os dados coletados pelo sistema sobre o progresso dos discentes, permitem que os professores identifiquem aqueles que estão com as dificuldades pontuais e possa corrigir rotas, antes mesmo das avaliações. Assim o professor pode agir com mais precisão e o aluno recebe um atendimento individualizado, diferenciado e personalizado e a aprendizagem pode tornar mais eficiente.

Sob a lógica tecnológica digital, a plataforma *Khan Academy*, fundada por *Salman Khan* em 2008, tem atraído a atenção de investigadores, gestores e educadores por oferecer uma metodologia de ensino que contribui para uma aprendizagem inovadora.

A *Khan Academy* é uma entidade sem fins lucrativos que disponibiliza uma plataforma adaptativa, oferecendo conteúdo gratuito de vários temas, com exercícios interativos e vídeos, em inglês e em outras 36 línguas. Os recursos digitais da ferramenta possibilitam a personalização da aprendizagem em casa ou dentro da escola. A proposta de *Khan* é que os alunos aprendam por meio de vídeoaulas sobre diversos conteúdos, dentre eles, a matemática, de acordo com seu próprio ritmo, e um software no qual cada um pode acompanhar sua evolução de aprendizagem, com os professores acompanhando o desempenho de toda a turma.

A plataforma *Khan Academy* oferece a possibilidade de o professor acompanhar em tempo real, o desempenho dos alunos por meio do *software* disponibilizado pela plataforma, em formato de videogame, tais recursos caracterizam seu diferencial com relação a outras plataformas de aprendizagem.

O usuário dessa plataforma pode estudar por conta própria e, enquanto pratica, a ferramenta registra no que ele aplicou seu tempo e que aprendeu. Depois, apresenta-se, em forma de gráficos, como foi sua evolução e se alcançou suas metas ou não. Com esses dados, o estudante fica informado, se ele precisa dedicar-se mais a um assunto ou se pode partir para um conteúdo mais avançado. No decorrer dos estudos, ainda ganha pontos, medalhas e outros.

Os professores, utilizam os recursos da ferramenta para orientar os alunos em grupo ou individualmente, a partir de dados detalhados de desempenho de cada aluno, apresentados em relatório pela plataforma. Assim, a interação com os estudantes fica mais produtiva e eficiente.

Portanto, as plataformas adaptativas podem ser uma solução para que o professor consiga atender de forma mais eficiente às necessidades e dificuldades de cada aluno, em especial atender a geração dos *screenagers.* Entretanto, como foi afirmado por pesquisadores sobre os perigos e consequências da multitarefa digital, há a necessidade de equilibrar o ensino mediado por tecnologias digitais com as atividades livres, lúdicas e até aleatórias, para que haja uma sociedade mais criativa no sentido da reflexão profunda, mais humanizada e menos individualista e solitária.

Considerações finais

Foi possível verificar nesta pesquisa, que os screenagers compõem a geração Z, os nascidos entre 1990 e 2010, são familiarizados com a internet, compartilhamento de arquivos e outros, extremamente conectados, praticamente 24 horas. Como fazem muitas coisas ao mesmo tempo no mundo digital, fazem uso da multitarefa, que segundo estudiosos, essa prática causa danos ao pensamento reflexivo profundo e criativo, ocasionando dificuldade para a aprendizagem e até compromete a memória.

Nesse contexto percebe-se os conflitos de gerações entre os nativos digitais e os professores. Nesse sentido, estudiosos como

por exemplo Richard Watson e outros sugerem para as escolas e professores as plataformas adaptativas como um meio dos docentes terem mais êxito no processo de ensino com essa geração. Contudo, o referido autor também defende um trabalho pedagógico lúdico, livre, com leituras de livros físicos, pois, os mesmos promovem uma mentalidade mais calma e uma reflexão profunda e criativa.

Referências

Bauman, Z. (2013) *A Riqueza de poucos beneficia a todos nós*? - RJ - Editora Zahar.

Rushkoff, D. (1999). *Um jogo chamado futuro* – Como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos. Rio de Janeiro: Revan.

Watson, R. (2010) Mentes do Futuro – Como a era digital está mudando nossas mentes, por que isso importa, e o que podemos fazer sobre isso. Boston – EUA - nb Nicholas Brealey Publishing.

Turkle, S. (1997) A vida no ecrã – a identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'água.

Capítulo 5

A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA SALA DE AULA INVERTIDA PARA UMA APRENDIZAGEM MAIS SIGNIFICATIVA

Ricardo Furtado de Oliveira
Antônio Marcos Oliveira da Silva
Flavianne Guilherme Ribeiro Pereira Silveira
Janeydes Alves Pereira Gaspar
José de Miranda Freire Junior
Karyne Guimarães da Silva
Keila Marta de Resende
Leydiane Gomes Cruz

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo geral refletir sobre o quanto a internet e as mídias digitais, transformaram a sociedade. Como também vem modificando as práticas educacionais.

E os objetivos específicos compreender o que são metodologias ativas, sua importância e características, bem como o estudo específico referente a metodologia ativa sala de aula invertida e suas possibilidades.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica onde foram apresentados conceitos e características das metodologias ativas e especificamente da sala de aula invertida, através da contribuição de importantes autores que desenvolveram suas ideias em livros, pesquisas científicas, relatos de experiências que é o exemplo dos autores do livro Sala de Aula Invertida.

Para compreender melhor a temática desenvolvida, a

pesquisa está distribuída em dois momentos: o primeiro relata sobre o 'novo normal' e as metodologias ativas e o segundo momento aborda sobre alguns conceitos e características da Sala de Aula Invertida, uma metodologia ativaconsiderada por muitos autores como a queridinha de muitos professores e alunos.

Diante do que foi descrito, pelas referências que enaltecem a Sala de Aula Invertida comometodologia ativa de aprendizagem, que professor não buscaria fazer uso dela para comprovar taleficácia? Foi com base nas leituras realizadas e na afirmação de vários autores que resolvi colocarem prática em minhas aulas.

O "novo normal" e as metodologias ativas

O acesso universal à informação, proporcionado pelo advento da internet e das mídias, transformou radicalmente a sociedade e, com ela, a forma de se relacionar, consumir, trabalhar, aprender e, até mesmo, viver. Nesse sentido percebe-se que a educação também não é a mesma, principalmente durante e após a Pandemia da Covid-19, que se instalou no mundo em 2019.

Se antes da pandemia muito já se falava sobre a substituição das metodologias tradicionaispelas novas, de inserem intensivamente as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) noambiente educacional e que levam em conta as características e peculiaridades de cada ser humano: após o período de ensino remoto, ao qual estudantes e professores foram submetidos durante a Pandemia da Covid-19, muito mais foi falado e estudado sobre metodologias ativas e diferentes formas de ensino, principalmente, por causa do momento de distanciamento social, queo mundo estava vivendo. E a solução foi inserir, sem prévio aviso o ensino remoto, e diante, dessasituação, professores de todo o mundo tiveram que se adequar às tecnologias digitais.

No retorno presencial, ainda mais explora-se o assunto, principalmente porque no presentemomento, de uma forma ou de outra, ainda que sem escolha, os docentes tiveram contato com uma

nova forma de educar e tiveram que se readequar e se reinventar para continuar ensinando aos seus alunos de suas casas, em isolamento, para tentar manter a educação em continuidade. Porém, agora, estamos novamente diante de um 'novo' ensino presencial, porque mais uma vez estamos nos readequando. Pois, os discentes também passaram pelo período de Pandemia e estão inseridos no mundo tecnológico e digital e possuem outras perspectivas. Diante do exposto, percebe-se que o ensino exige uma abordagem pedagógica inovadora, capaz de atender a complexidade do processo ensino-aprendizagem que vai além da memorização excessiva de conteúdos.

Dessa forma,

> O bom professor procura empreender na compreensão das mais variadas estratégias e linguagens para que o aluno compreenda e associe ou ressignifique aquele conteúdo/noção com os que ele já possui, o que demanda criatividade, reflexão, pesquisa e curiosidade. Pois, aprender algo novo é 'rotineiro' em um tempo histórico em que o movimento de informações é muito expressivo. (Bagio & Castanho, 2019, p. 46).

Boa parte da literatura considera as metodologias ativas como estratégias pedagógicas que colocam o estudante como foco no processo de ensino e aprendizagem, contradizendo a abordagem pedagógica tradicional, que sempre esteve centrada no professor como único e melhor transmissor de informação aos seus alunos, que geralmente adotavam uma atitude passiva, de meros recebedores de conhecimento. O fato de essas novas estratégias serem caracterizadas como ativas tem a ver com a execução de práticas pedagógicas que envolvam os estudantes, que os engajem em atividades práticas e mais lúdicas, dentro do possível, nas quais eles são os protagonistas do seu aprendizado.

> Pode-se dizer, então, que as metodologias ativas procuram criar situações de aprendizagem em que alunos fazem coisas, colocam conhecimentos em prática, pensam e conceituam o que fazem, criam saberes sobre os conteúdos vistos nas atividades, e também desenvolvem estratégias cognitivas, capacidade crítica e de reflexão sobre suas ações, dão e recebem feedback sobre as atividades realizadas, aprendem sobre a importância de interagir com seus colegas e professores e exploram atitudes

> e valores pessoais e sociais. (Valente, Almeida & Geraldini, 2017, p. 455-478).

Também afirma Berbel (2011, p.29) "podemos entender que as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos".

Existem várias Metodologias Ativas de Aprendizagem, como Sala de Aula Invertida ou *FlippedClassroom*; Aprendizagem Baseada em Projetos ou *Project Based Learning*; Aprendizagem Baseada em problemas ou *Problem Based Learning* e outras. Mas, nesta pesquisa vou abordar apenas a Metodologia Ativa Sala de Aula Invertida.

Sala de aula invertida: *uma boa opção para começar*

Embora a Sala de aula Invertida seja uma metodologia já em voga nos últimos anos, alguns autores ainda a consideram em construção. Tem sido a queridinha de alunos e professores porqueé um processo simples que tem a ver com a entrega ou indicação de um conteúdo por meio de texto, vídeos, *podcasts,* ou qualquer outro recurso com o qual o estudante aprenderá de forma independente, quando e onde quiser, em momento extra de aula (*on-line*), e no momento *in classroom* o aluno desenvolverá a atividade proposta pelo docente, tendo como base aquele conhecimento que foi previamente adquirido.

Aquela tarefa que antes era chamada de 'dever de casa' passa a ser desenvolvida em sala de aula, com o suporte do professor, que será um mediador entre o estudante e o material, estimulando debates, sessões de perguntas e respostas, apresentação de dúvidas e dos resultados desenvolvidos.

Apesar de alguns estudiosos entenderem a sala de aula invertida como uma metodologia inovadora, outros não a veem do mesmo modo. Como afirma Yarbro et al.(2013, como citado em Munhoz, 2019, p. 234) diz [...] "Não enxergam inovação no

procedimento, apenas uma forma de desenvolver o conteúdo de uma forma diferente para motivar o aluno. Nela está prevista, em um projeto instrucional, a criação de situações agradáveis via esquema de recompensa".

Nessa metodologia, o conteúdo não é mais entregue ao aluno pelo professor, via o texto de umlivro ou de outra bibliografia. Passa a ser 'entregue' por indicações de pesquisas, bibliotecas virtuais, ou *links* (por meio de um ambiente virtual de aprendizagem) e novos materiais podem (edevem) ser acrescentados, até a sua completa compreensão.

Vale ressaltar que geralmente, quando a proposta é inicialmente passada aos alunos, causa certasurpresa e até mesmo um certo medo, visto ser diferente e os alunos serem desafiados a fazer algodiferente. Nessa situação, aluno precisa assumir o papel central nessa 'imersão' no material e o professor passa a assumir um papel de orientador, o que não é fácil, pois ele também é desafiadoa ensinar de forma diferente, estimulando outras formas de assimilação do conhecimento.

A Sala de Aula Invertida é uma metodologia ativa bem interessante e também é usada por alguns professores da unidade escolar da qual estou inserida, inclusive por mim. Apesar de que, comoé usada está sendo eficaz, mas, não ocorre exatamente como descreve *Bergmann e Sams* (2018)em 2006 os professores de química *Jonathan Bergmann e Aaron Sams*, que são autores do livroSala de Aula Invertida lecionavam na *Woodlan Park High School,* em *Woodland Park*, Colorado,Estados Unidos. Passaram a observar o comportamento de seus alunos de um ambienterelativamente rural, e que muitos enfrentavam muitas dificuldades de aprendizagem. Eles observaram também, que alguns alunos até conseguiam conceitos bons como A e B, mas não aprendiam. E que faltavam muito as aulas por causa de esportes e outras atividades que praticavam.

Segundo *Bergmann* e *Sams* (2018, p.20)

> Até que um dia nosso mundo mudou. Ao folhear uma revista de tecnologia, *Aaron* mostroua *Jonathan* um artigo sobre um *software*

> que gravava apresentações de *slides* em *PowerPoint*,incluindo voz e anotações, e convertia a gravação em arquivo de vídeo, que podia, então, serfacilmente distribuído *on-line*. O *Website* do *YouTube* mal havia começado, e o mundo dos vídeos *on-line* ainda estava na infância. No entanto, ao discutirmos o potencial desse *software*, percebemos que essa poderia ser uma maneira de impedir que os alunos faltosos também perdessem no desempenho de aprendizagem. Assim, na primavera de 2007, começamos a gravar nossas aulas ao vivo, usando o *software* de captura de tela. Postávamos as aulas *on-line* e os alunos as acessavam.

Este exemplo da sala de aula invertida é bastante interessante e tenho usado em minhas aulas,mas, não com vídeos gravados e sim com conteúdos disponibilizados para os estudantes com antecedência às aulas, pois, os mesmos têm a oportunidade de interagir com o conteúdo antes da aula, receber orientações do professor e até realizar pesquisas, como também foi abordado anteriormente. Assim, a sala de aula invertida é capaz de atender às necessidades dos alunos, pois,o mesmo poderá ter mais tempo para pensar, refletir e tirar suas conclusões que servirão de base para as atividades de sala. "Assim o professor está estimulando o desenvolvimento tanto da capacidade de reflexão quanto da habilidade de elaboração de perguntas" (Araújo, Silva & Oliveira 2016, p. 6).

Dessa forma a metodologia ativa sala de aula invertida pode proporcionar mais autonomia e engajamento dos estudantes. Como afirma Araújo, Silva & Oliveira (2016, p. 6),

> Em diversos contextos educacionais, os estudantes não estão acostumados a estudar em casa, a não ser na véspera da prova, quando muito. Na sala de aula invertida, todo o conteúdo que os alunos estudariam na véspera de alguma tarefa de avaliação classificatória é dividido em pequenas partes que não o sobrecarregam. Eles podem ler algumas páginasdo livrotexto (duas ou três seções) ou assistir um vídeo curto (menos de 20 minutos de duração), por exemplo.

No contexto do qual faço parte, a educação mediada por tecnologias aconteceu mesmo com o advento da pandemia

da covid-19 em 2020. Apesar, de que o processo ocorreu por causa do distanciamento social. A princípio causou prejuízos pedagógicos, mas, penso que muitos ganhos em termos de uso das tecnologias. Entretanto, é notório que são muitos os desafios enfrentados pelos docentes para fazer uso das tecnologias, bem como das metodologias ativas, pois, muitos profissionais ainda não se sentem capacitados, outros com dificuldades de aceitação aos novos recursos didáticos. Pois, sair do paradigma tradicional, em que possui a ideia de transmissão do conhecimento, e caminhar para a construção do conhecimento, realizado em conjunto dos sujeitos: professor e aluno, estabelecido através da interação dos mesmos, é necessário estar ciente das diversas mudanças definidas pela capacidade que o aluno tem por reelaborar suas percepções sobre determinado assunto. Cabendo ao professor estar disposto também a proporcionar uma nova experiência de ensino. Penso que as mudanças são feitas bilateralmente,tanto pelo professor quanto pelo aluno, cabendo refletir sobre o processo de ensino e entendendo importância das metodologias ativas para trazer uma aprendizagem mais significativa para os educandos. Portanto, a capacitação dos docentes se faz imprescindível, para que essa aprendizagem ocorra. Entretanto, o docente também precisa ter abertura ao novo, empatia, ter compromisso com sua autoformação.

Considerações finais

Foi possível verificar neste trabalho o quanto a internet e as mídias digitais, transformaram o modo de vida das pessoas, bem como sua influência na educação. Também é possível afirmar o quanto as metodologias ativas de aprendizagem são importantes e podem impactar positivamentena aprendizagem do estudante na atualidade.

Diante dos resultados alcançados, conclui-se que as metodologias ativas são muito importantespara uma gestão diferente de sala de aula e neste trabalho foi abordado especificamente sobre a sala de aula invertida, suas características e seus benefícios, ou seja,

o quanto a mesma pode ajudaro professor a dinamizar suas aulas e alcançar melhores resultados.

Referências

Araújo, A. V.; Silva, E. S.; Jesus, V. L.; & Oliveira, A. L. (2017). Uma associação do método Peer Instruction com circuitos elétricos em contextos de aprendizagem ativa. Revista Brasileirade Ensino de Física, 39.

Bagio, V. A.; Castanho, M. E. de L. e M.; Pereira, A. L. Ser Professor: quem, quando, como epara quem. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 41, n. 2, p. 46 570, 25 set. 2019.

Berbel, N. A. (jan./jun. de 2011). As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, 32, 25-40.

Munhoz, A. S. Aprendizagem ativa via Tecnologias, Inter Saberes, 2019.

Valente, J. A.; Almeida, M. E. B. de; & Geraldini, A. F. S. (2017) Metodologias Ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v. 17, n 52,p. 455-478, abr./jun.

Capítulo 6

PRÁTICAS DIGITAIS NA ESCOLA, SEGURANÇA E CIDADANIA DIGITAL

Keila Marta de Resende
Ana Gabriella Moreira de Moura
Jorge Sales e Silva Neto
José de Miranda Freire Junior
Ricardo Furtado de Oliveira
Rosilda Barros Pereira Silva
Walace Cabrini
Zenóbia Menezes de Brito

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo geral, refletir sobre o quanto as tecnologias digitais e de informação estão presentes na vida das pessoas hoje através da *internet*, onde isso proporciona muitos benefícios, mas, também traz muitos riscos.

E os objetivos específicos estão relacionados às práticas digitais existentes nas escolas junto aos estudantes, bem como uma reflexão sobre os riscos que a comunidade escolar estão sujeitos, ou seja, a respeito de segurança *on-line*.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foram apresentadas informações e reflexões a respeito das questões sobre o uso intenso da internet nos dias atuais entre as pessoas, bem como os riscos e perigos que também existem. Também reflexões a respeito das práticas digitais existentes hoje nas escolas junto aos estudantes e discussões importantes sobre segurança digital, onde também foi explicitado acerca de uma pesquisa de Cristina Paludo Santos em seu artigo Educação, Práticas Digitais e Novos Riscos em Rede, com relação a um projeto com estudantes do

ensino médio onde foi detectado a fragilidade dos conhecimentos dos discentes e docentes no tocante a segurança digital, onde parte dessas informações estão compartilhados nesta presente pesquisa bibliográfica. Observa-se que os riscos são inevitáveis, mas, é possível que a sociedade possa ser melhor informada dos mesmos.

Práticas digitais existentes hoje nas escolas e possíveis riscos em relação a segurança online

As tecnologias da informação e as facilidades de comunicação estão presentes na vida das pessoas da atualidade e faz-se necessário o desenvolvimento de um senso de compromisso e responsabilidade sobre as atividades de acesso, publicação e interação que se realizam em espaços digitais. Para Teixeira & Lima (2013, p.22)

> o termo cidadania digital aplica-se na utilização da tecnologia para fins de relevância social, levando em consideração os impactos da utilização das TICS no processo de democratização, onde converge suas formas representativas para as formas participativas através de sua utilização. O equilíbrio do processo de inclusão digital é de suma importância, pois as classes menos favorecidas são as que mais sofrem com diversos tipos de problemas em sua comunidade.

Para Ribble (2015), a cidadania digital é conceituada como o uso responsável e apropriado das tecnologias e cabe aos professores e líderes de tecnologia conscientizar e preparar os usuários a utilizar as tecnologias de maneira segura.

No mundo em que vivemos é praticamente impossível a não utilização das tecnologias e da comunicação pela *internet* e o uso das mesmas, proporciona diversos benefícios, mas também traz riscos. Conhecer os princípios de cidadania digital é importante para minimizar esses riscos e evitar transtornos que possam afetar tanto a vida pessoal quanto profissional.

Assim, é necessário que, além do conhecimento de manuseio dos recursos tecnológicos, torna-se indispensável saber que atos ilícitos podem ser praticados no espaço digital e as consequências

podem ser graves para todos os envolvidos. Considerando o acesso de crianças e adolescentes à internet, desenvolver essa consciência da cidadania digital é essencial, visto que por imaturidade emocional e cognitiva, eles podem se expor de forma inapropriada nos espaços digitais e gerarem graves transtornos.

Nesse sentido, refletir sobre a cidadania digital, torna-se de fundamental responsabilidade de professores e instituições de ensino. Para que os estudantes se tornem cidadãos digitais responsáveis, eles precisam ser orientados da importância de serem críticos, protegerem as suas informações e terem bons hábitos de comunicação e de privacidade.

Ribble (2015), indica nove elementos de cidadania digital que devem ser desenvolvidos com os estudantes no contexto educacional. 1 - Acesso digital (acesso de toda a sociedade aos recursos de comunicação), 2 - Comércio eletrônico (compra e venda de produtos pela *internet*), 3 – Comunicação digital (trocas de informações com uso de tecnologias digitais), 4 – alfabetização digital (saber como e quando utilizar as tecnologias digitais), 5 – Etiqueta digital (padrão de conduta esperado por todos que usam a *internet*), 6 – Lei digital (direitos e restrições legais que governam o uso da tecnologia), 7 – Direitos e responsabilidade digital (privilégios, liberdades e comprometimentos estendidos a todos os usuários *on-line*), 8 – Saúde e bem-estar digital (Bem-estar físico e intelectual do cidadão conectados ao uso da tecnologia) e 9 – Segurança digital (precauções que os usuários da internet devem tomar para garantir a segurança pessoal e da sua rede de contatos).

Nesse sentido é indiscutível que a *internet* trouxe diversas possibilidades e facilidades às pessoas, como fazer compras, realizar transações comerciais e bancárias, acessar *e-mail* e redes sociais. No entanto, para realizar esses procedimentos de maneira segura, são necessárias medidas estratégicas para que as informações que são enviadas e recebidas estejam disponíveis apenas para as pessoas e finalidades desejadas.

A segurança *on-line* consiste em proteger a informação e

minimizar os riscos de vários tipos de ameaças que podem acontecer via *internet*. Entre os transtornos que podem ocorrer, no contexto pessoal e de organizações, tem-se a perda de informação, cópias de dados, exposição indevida de conteúdo, dentre outros. Para evitar esses problemas, medidas de segurança devem ser adotadas pelos usuários e organizações.

De acordo com a ABNT (2006), as formas de segurança da informação têm em vista três características que são confidencialidade, integridade e disponibilidade. A primeira implica em assegurar que a informação seja apenas, somente para indivíduos autorizados a terem acesso. A segunda que é integridade é a direiteza, completeza da exatidão da informação e métodos de processamento. Já a disponibilidade é comprovação de que as pessoas autorizadas consigam acesso à informação e aos ativos que correspondem àquele usuário sempre que necessário.

As providências de segurança são sistemas indicados para as pessoas que fazem uso da *internet* e se apresentam estabelecidas em relação a quatro práticas: senhas, *backup*, privacidade e confidencialidade.

As senhas retratam um costume central para a segurança da informação por serem o meio pelo qual se realiza a confirmação para se distinguir os usuários autorizados dos não autorizados.

Quanto aos alertas de backup, estima-se que esses propõem realizar cópias de segurança de arquivos importantes. Essas reproduções objetivam garantir a exatidão dos dados em casos de desastres físicos com equipamentos ou contaminação por vírus computacionais.

Sobre as práticas de segurança associadas à privacidade na *internet*, pensa-se que essas apontam à verificação de exposição e disponibilidade de informações públicas, privadas e restritas. A estrutura dos sistemas de *internet*, como as redes sociais e sites, possibilita que os usuários consigam definir como os seus dados publicados sejam compartilhados na *internet*, oferecendo recursos para criar filtros de como diferentes tipos de usuários podem

acessar a *internet*. Um exemplo desses recursos são as publicações em redes sociais, como *Facebook*, em que uma postagem pode ficar como um conteúdo público ou restrito para visibilidade de apenas alguns contatos como família e amigos. Outro exemplo alusivo à privacidade, refere-se aos consentimentos que são dados nos dispositivos de computadores, *smartphones* e *tablets* de fornecerem dados sobre localização e acessos realizados nos navegadores de *internet*.

No tocante aos critérios de segurança de confidencialidade, trata-se de uma prática que muitas organizações estão adotando para oficializar um acordo com pessoas que detêm acesso privilegiado a informações estratégicas da organização. Esse acordo prediz, a responsabilidade dos usuários escolherem as formas mais assertivas para maior seguridade da informação.

É nesse contexto de ampla tecnologia digital que o mundo está inserido hoje e nesse sentido a escola pertence a todo esse universo digital, embora o formato de aprendizagem tradicional é muito evidente ainda no meio escolar, mas, o uso das tecnologias nas escolas vem aumentando cada vez mais, como o uso de data show para aulas tanto de professores, quanto apresentação de trabalhos dos alunos; lousa digital, uso de *chromebooks* para estudantes sob a orientação e mediação dos professores como aulas com games, uso do *whatsapp Web* nos *chromebooks* para que os estudantes possam acessar links, vídeos e outros, como também realizar pesquisas em tempo real. Também é perceptível nas escolas que professores fazem uso do *google forms*, *google* sala de aula e até plataformas já fazem parte do cotidiano de muitas escolas, que é o caso da plataforma Net Escola utilizada em todas as escolas públicas do estado de Goiás, nela é revisado ou potencializado conteúdos de assuntos que os os professores trabalharam em sala de aula, através de vídeos, *Quizzes* e desafios.

Como mencionado, no que lhe diz respeito, o mundo digital através da internet fortalece novas maneiras de comunicação, outros tipos de relacionamentos, novas chances, por outro lado, possibilita também novos perigos.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), podem possibilitar direta e indiretamente a evolução social e cultural, mas, infelizmente, simultaneamente a este desenvolvimento, nota-se raiar indivíduos que têm utilizado esse crescimento para condutas danosas como subtração de dados, de informações valiosas, de alterações de dados ou senhas, persecução, inaceitável uso de imagem, *cyberbullying* e outros. Infelizmente a prática do cyberbullying tem ocorrido com frequência na vida de muitos estudantes de muitas escolas.

É nítido que as tecnologias digitais fazem parte da vida de toda a sociedade de maneira geral, salvo alguns, mas, uma parte significativa da população depende dela para tudo. E a comunidade escolar também faz parte desta estatística, entretanto, é muito tímida ainda as discussões no meio escolar sobre os riscos que todos os que usam as tecnologias digitais estão sujeitos.

De acordo com Santos (2022, p.339)

> Consoante a esta realidade, percebe-se oportuno fomentar no âmbito escolar reflexões envolvendo o tema Segurança da Informação, disseminando e popularizando novas posturas e boas práticas no mundo digital entre os jovens. E é nesse cenário que se insere este artigo, que apresenta o relato de uma experiência realizada com alunos do ensino médio de uma escola pública com vistas à educação em prol da formação de um cidadão conectado e ciente dos riscos e vulnerabilidades que a sociedade em rede oferece.

Para Santos (2022) em sua pesquisa ela aborda estratégias que objetivam aguçar a educação digital. Sugere jogos para proteção associado a Segurança na Internet para crianças e adolescentes. Também recomenda uma reflexão sobre a importância de um melhor fundamento sobre a Segurança da Informação. Tais reflexões culminaram em um projeto para estudantes da 3ª série do ensino médio.

Como afirma Santos (2022, p.340)

> Tais indagações e reflexões impulsionaram o desenvolvimento de um projeto que abarcou uma equipe composta por 24 alunos do 3º ano e a docente e que repercutiu em toda a

> comunidade escolar. O tema foi inicialmente abordado junto aos integrantes da equipe para que pudessem compreender a importância da Segurança da Informação, seus principais conceitos e exemplos de riscos e vulnerabilidades...

A referida pesquisa que fora citada neste trabalho, tem o ponto de partida com estudantes da 3ª série do ensino médio, mas, em seguida foi estendida para os alunos da 1ª e 2ª séries também, bem como com os professores.

De acordo com a pesquisa de Santos (2022, p.341)

> O questionário contempla 20 questões e dentre elas alguns exemplos incluem: Você usa a mesma senha em contas diferentes? Você salva senhas no seu navegador ou computador? Você sabe identificar uma fake news? Você já recebeu algum email malicioso dizendo, por exemplo, que você foi contemplado com um prêmio ou um anúncio falando que uma quantia em dinheiro esperava por você? Você sabe o que é uma senha segura? Você sabe verificar se um link é verdadeiro ou falso?

De acordo com os resultados obtidos Santos (2022, p.341-342) afirma que,

> Participaram da pesquisa 254 pessoas, sendo 77 alunos do 3º ano, 78 do 2º ano, 85 do 1º ano e 14 docentes. Os resultados revelam a carência do público em relação a conhecimentos que são essenciais para quem utiliza celulares, tablets e computadores. Dentre os vários aspectos analisados, alguns se destacaram por apresentar índices bem expressivos, tais como: 75% dos participantes afirmam não saber identificar sites falsos;

É importante lembrar que não foram expostos todos os dados da pesquisa. Aparecem alguns exemplos apenas. Tal pesquisa serve de parâmetro e análise comparativa com outras escolas que revelam resultados semelhantes, de despreparo de toda a comunidade escolar para lidar com os riscos que o mundo digital oferece hoje em dia para todos. Percebe-se uma fragilidade de forma geral nas escolas sobre segurança digital.

Diante do exposto e baseado em pesquisas se faz necessário uma disciplina para trabalhar especificamente sobre segurança

digital, cidadania digital, que inclusive é prevista competências e habilidades na BNCC.

Também se faz necessário incluir ações nas escolas como Campanhas em prol do combate ao *cyberbullying* com materiais informativos e folders, debates, filmes, rodas de conversas, campanhas sobre segurança e cidadania digital e cursos específicos para professores.

Como foi citado, existem muitas práticas digitais já existentes nas escolas, mas, também muitos riscos à toda a comunidade escolar. Percebe-se que é impossível anular tais riscos, mas, é possível refletir mais sobre o assunto segurança digital com toda a comunidade escolar para que a mesma possa estar mais preparada para identificar possíveis tentativas de crimes e não se tornarem vítimas das mesmas.

Considerações finais

Foi possível verificar nesta pesquisa, que as tecnologias da informação estão extremamente presentes na vida das pessoas, principalmente através da internet, onde as mesmas trazem muitas facilidades e benefícios. Porém, as pessoas estão sujeitas aos intitulados riscos nos chamados espaços digitais.

Nesse contexto, percebe-se a existência de práticas digitais nas escolas junto aos alunos. Entretanto, é notável que há pouco reflexão sobre os riscos que a comunidade escolar está sujeita nos espaços digitais. Ou seja, há uma carência de discussões sobre segurança digital e cidadania digital, junto aos discentes e quando há, ocorre de forma bastante tímida. Dessa forma, conclui-se que há uma necessidade explícita de abordar mais o tema nos espaços escolares, para que toda a comunidade escolar possa estar mais atenta, esclarecida e se protegerem desses riscos e perigos em ambientes digitais.

Referências

ABNT, Nbriso. Iec 27002: 2005. *Tecnologia da informação: Técnicas de segurança e código de prática para a gestão da segurança da informação*. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: ABNT

Ribble, M. (2015). *Cidadania digital nas escolas: nove elementos que todos os alunos devem saber* (3ª ed.). Washington DC: Sociedade Internacional de Tecnologia em Educação.

Santos, C. P. (2022) *Educação, Práticas Digitais e Novos Riscos em Rede* – Instituto Federal Farroupilha – Santo Ângelo/RS.

Teixeira, M. M. & Lima, J. J. A. *Cidadania Digital: Uma Proposta de Dispositivo Móvel para o Monitoramento das Cidades.* Temática, João Pessoa (Online), v.1, p. 1-22, 2013.

Capítulo 7

JORNADA DE TRABALHO EXCESSIVA E ASSÉDIO MORAL: SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR

Silvana Maria Aparecida Viana Santos

Introdução

Durante muitos anos o trabalho deteve uma condição a qual desenvolvia um papel fundamental de subsistência fazendo parte da construção do sujeito. Contudo, foi a partir de evoluções científicas, tecnológicas, mercadológicas e socioculturais, que ele passou por profundas mudanças, as quais permitiram influenciar diretamente e indiretamente as características mais profundas dos indivíduos dentro da sociedade.

A Revolução Industrial, no final do século XVIII e início do século XIX, foi uma resposta dos trabalhadores as jornadas excessivas de trabalho, péssimas condições e aos baixos valores pagos por aqueles que contratavam sua mão-de-obra. Durante muito tempo, o trabalhador foi forçado à jornadas excessivas de trabalho e remuneração que não lhes garantia comprar a batata para se alimentar, e no interesse de lucrar ainda mais, os industrial passaram a contratar mulheres e crianças e submetê-los a trabalhos insalubres, noturnos e intensos (ANTUNES, 2010).

Para Behring e Boschetti (2011), ao longo do período que antecedeu as Revolução Industrial existiram legislações que de certa forma atuavam como código coercitivo do trabalhador, pois essas leis beneficiavam a burguesia, estabelecendo que ao pobre lhe era obrigado a aceitar qualquer trabalho que lhe fosse oferecido sendo vedado negociar remuneração, pois a vagabundagem era considerada crime, e caso não tivesse trabalho, era punido com

trabalhos forçados, o objetivo era coibir a mendicância dos pobres válidos. O movimento operário muito lutou para a conquista da sua jornada de trabalho que garantisse qualidade de vida e melhores condições de salário.

No Brasil, que passou por um processo de capitalismo tardio, ou seja, a industrialização se desenvolveu de forma tardia em comparação com a Europa e outros países, foi no Governo de Getúlio Vargas, com a promulgação da Consolidação das Leis Trabalhistas, a qual o trabalhador passou a ter garantias, dentre elas, jornada de oito horas diárias, repouso semanal, FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), Férias Remuneradas, dentre outros direitos.

Contudo, ao longo da história, existiam os acidentes de trabalho, que são se extinguiram com as legislações que garantem o direito do trabalhador, ao longo do século XX, nos deparamos com a produção em massa, ocasionada pela expansão do modo de produção taylorismo-fordismo, e em paralelo além dos acidentes de trabalho nos deparamos com novas formas de adoecimento laboral, na qual levanta inúmeros questionamentos a respeito das suas origens, que levantam hipóteses que estejam relacionadas as novas relações de trabalho (ANTUNES, 2010).

Conforme a FioCruz[1] dados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), no ano de 2022, um total de 209.124 mil trabalhadores foram afastadas do ambiente de trabalho por transtornos mentais, dentre eles: depressão, distúrbios emocionais e Alzheimer, enquanto em 2021 foram registrados 200.244 afastamentos. Ainda de acordo com a Fundação, esse adoecimento possui relação com inúmeros fatores, dentre eles uma ampliação da informalidade (temos por exemplo a uberização) e ausência de direitos trabalhistas que ironicamente são associados ao ônus do "empreendedorismo", essa precarização causa potencialidades que

1 Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/alertas-globais-chamam-a-atencao-para-o-papel-do-trabalho-na-saude-mental#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20Instituto,2021%20foram%20registrados%20-200.244%20afastamentos. <Acesso em: 25 set. 2023>.

levam ao estresse, ansiedade, depressão e até mesmo ao suicídio.

A jornada de trabalho excessiva tem sido uma preocupação crescente em todo o mundo. Com a crescente demanda por produtividade e a pressão para alcançar metas, muitos trabalhadores se veem envolvidos em jornadas de trabalho longas e extenuantes. Embora essa dedicação possa parecer valiosa em termos de produtividade, os impactos na saúde mental dos trabalhadores podem ser significativos.

Dessa forma, o presente estudo possui como objetivo geral compreender os impactos causados pela jornada excessiva de trabalho e o assédio moral influenciam na saúde mental do trabalhador a partir de um relato de experiência. Dessa forma levantamos o seguinte questionamento: Como o excesso de trabalho e o assédio moral influenciam na saúde mental do trabalhador dentro do ambiente de trabalho? Para o percurso metodológico da presente pesquisa, utilizou-se a pesquisa teórico-bibliográfica, a fim de compreender criticamente e de forma sócio-histórica o fenômeno trabalho e jornada de trabalho, assim como a sua construção na sociedade ao longo dos tempos. A pesquisa efetivou-se com a busca das obras de autores que contribuíssem com a temática nas plataformas acadêmicas Google e Sciello utilizando-se dos descritores: jornada de trabalho; adoecimento mental; e trabalho.

Tal pesquisa justifica-se a fim de compreender a partir da engenharia de produção os processos organizacionais nos quais os indivíduos estão inseridos na cena contemporânea, e interpretar as produções existentes acerca da temática com finalidade de colaborar para a expansão de trabalhos futuros, bem como para subsidiar organizações e profissionais sobre o adoecimento do trabalhador em nossa sociedade tecnológica e competitiva.

O trabalho e adoecimento mental

Foram grandes as mudanças pelas quais passou o mundo do trabalho resultante da transição do feudalismo para o capitalismo. O processo de industrialização se intensificou na era da globalização, em paralelo trouxe uma fragmentação das atividades laborais, estas, aliada a um mercado de trabalho competitivo, com um discurso de proatividade, medo do desemprego que obrigam o indivíduo a sujeitarem-se a condições de trabalho extremamente precárias, insalubres, associadas a baixos salários, situações de assédio moral e sexual, jornadas de trabalho excessivas e acúmulo de funções para cumprir as metas estabelecidas por seus empregadores. Todos esses fatores contribuem para a ocorrência de adoecimento mental, pois geram sintomas de estresse, ansiedade e depressão entre os trabalhadores.

Contudo, nas análises de Nobrega (2019), além das mudanças socioeconômicas, ocorreram inovações tecnológicas, as quais juntas trouxeram grandes mudanças no modo de trabalhar, assim como no adoecimento dos trabalhadores. A palavra trabalho tem sua origem no latim com a diferenciação entre "labore" e "operare", na qual a palavra labore está relacionada ao ato de labor, enquanto operare à própria obra.

Ainda conforme a autora, essas exigências contemporâneas que o mercado estabelece, comprometem a saúde mental dos profissionais, sabe-se a partir de estudos realizados por inúmeros autores que o trabalho atua como fonte da realização do indivíduo, contudo, ele também pode resultar no adoecimento do corpo e da mente. Entre os riscos mais comuns resultantes das condições de trabalho estão: físicos, químicos, biológicos, "embora existam os riscos psicossociais, não menos importantes, comprometendo a saúde das pessoas por meio de mecanismos psicológicos e fisiológicos, podendo se manifestar de forma silenciosa ou até subjetiva" (Nobrega, 2019, p.05).

Quadro 1 – Doenças Relacionadas ao Trabalho em Excesso

DOENÇA	ESPECIFICAÇÕES
Estresse Crônico	Um dos principais impactos da jornada de trabalho excessiva é o estresse crônico. Trabalhar longas horas de forma constante pode levar a altos níveis de estresse, pois os trabalhadores têm menos tempo para relaxar e recuperar. O estresse crônico está associado a uma série de problemas de saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático.
Distúrbios do Sono	A falta de sono devido à jornada de trabalho prolongada pode levar a distúrbios do sono, como insônia e privação de sono. O sono inadequado está intimamente ligado à saúde mental precária. Quando os trabalhadores não têm a oportunidade de descansar adequadamente, sua capacidade de concentração diminui, o que pode resultar em erros no trabalho e aumentar o risco de acidentes.
Redução do Tempo para Atividades de Bem-Estar	Longas jornadas de trabalho também limitam o tempo disponível para atividades de bem-estar, como exercícios físicos, hobbies e interações sociais. Isso pode levar a sentimentos de isolamento e diminuição da qualidade de vida, contribuindo para problemas de saúde mental.
Desgaste Profissional (Burnout)	O desgaste profissional, ou burnout, é uma consequência frequente da jornada de trabalho excessiva. Os sintomas de burnout incluem exaustão emocional, cinismo em relação ao trabalho e baixa realização profissional. Esses sintomas podem prejudicar gravemente a saúde mental e afetar negativamente o desempenho no trabalho.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Nobrega (2019).

Conforme Figueiredo et al. (2022), muitas vezes quando se percebe o indivíduo no ambiente de trabalho com um comportamento desmotivado ou exausto, este adoecimento mental é confundido com preguiça. Se faz necessário ressaltar que no ambiente corporativo, o qual existe a necessidade de realizar atividades que compõem a profissão exercida, a depressão pode

prejudicar e dificultar na realização dessas tarefas, pois geralmente seus sintomas estão associados a irritabilidade, cansaço excessivo, dificuldade de concentração e atenção, assim como crises de choro, podemos citar também problemas de relacionamentos interpessoais devido ao estado deprimido, procrastinação e inabilidade para tomar decisões.

Os autores acrescentam que alguns gatilhos podem agravar ou dar origem a essa doença no ambiente de trabalho, são eles: a discriminação, o assédio (por parte dos gestores e até colegas), humilhação, excesso de demanda, comparação com os colegas, relacionamento hostil com a equipe e competitividade excessiva.

Conforme Nobrega (2019), em decorrência de altas incidências, o adoecimento mental relacionado ao trabalho, nos últimos anos, vem sendo objeto de estudo, pois está gerando prejuízos para a qualidade de vida do profissional e perdas econômicas para o empregador e o Estado, levando em consideração os afastamentos e requisições de auxílio doença. Evidencias mostram que extensas jornadas de trabalho são uma das principais causas desse adoecimento.

Essa convivência prolongada com o estresse no trabalho, resultou em uma doença conhecida como Síndrome de Burnout, também chamada de síndrome de esgotamento profissional, é uma resposta do psicológico do indivíduo as situações conflituosas no ambiente de trabalho, vem sendo amplamente discutida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 2019 e classificada como doença do trabalho (Alencar et al, 2022).

Inicialmente esse esgotamento passou por inúmeras definições, até chegar a sua terminação atual Síndrome de Burnout, sendo confirmada e inserida no CID-11 (Classificação Internacional de Doença – 11) a partir do primeiro dia do ano de 2022. É caracterizada por uma exaustão emocional, a qual ocorre a partir de estressores interpessoais dentro do ambiente de trabalho. Três dimensões a caracterizam: primeiro a Exaustão Emocional, está relacionada ao sentimento de sobrecarga e desgaste emocional;

segundo a Despersonalização, possui relação com os sentimentos negativos em relação ao outro, atitudes irônicas e relações falsas e a Falta de Realização Pessoal que se relaciona com sentimentos de inadequação pessoal e profissional ao trabalho (Alencar et al, 2022).

Outro ponto a se destacar, é que essa síndrome está vinculada ao auxílio-doença acidentário, quando o trabalhador é diagnosticado pode ser concedido. Contudo, inicialmente é concedido ao trabalhador o afastamento das suas atividades laborais pelo período superior a 15 dias consecutivos, conforme previsto no art. 59 da Lei 8213/91. Se o indivíduo, após cumprido o prazo de carência estabelecido em lei, ainda apresentar a incapacidade de exercer suas funções no ambiente de trabalho, o auxílio-doença será devido a esse colaborador. A síndrome de Burnout possui grande influência no trabalho, apresentando dentre seus sintomas: cansaço físico e mental, alteração de humor repentino, irritabilidade, insônia, frequentes dores de cabeça, alteração no apetite e dificuldade de concentração (Figueiredo et al., 2022, p.96).

Os transtornos de ansiedade estão relacionados ao medo, ansiedade excessiva e perturbações comportamentais relacionadas, pois, é através do medo que o cérebro responde as ameaças reais quando percebidas, no entanto, a ansiedade é uma antecipação de ameaça futura. Não há diferença dentro do ambiente corporativo, em meio aos avanços tecnológicos que a cada dia fazem parte do cotidiano, a era da produtividade e proatividade, as pessoas não compreendem que precisam de descanso ao contrário das máquinas, outro ponto é a competitividade, frente a tudo isso, as empresas se aproveitam para explorar ainda mais o seu "colaborador", exigindo deles além de tudo isso, mais comprometimento associado a uma carga horária maior, ou seja, mais tempo de trabalho e sem o direito de horas extras. "É fato que aos olhos do homem a doença mais agravante é aquela que já é possível ser identificada com sintomas no corpo humano, mas o que muitos esquecem é que antes da doença revelar seus sinais no corpo, ela começa na mente" (Figueiredo et al., 2022, p.98).

Contudo, para Figueiredo (2022), para combater os impactos negativos da jornada de trabalho excessiva na saúde mental, seriam necessárias algumas medidas apropriadas, a serem tomadas dentro das organizações, dentre elas: **Políticas de Horário de Trabalho**: as empresas devem revisar suas políticas de horário de trabalho e garantir que os funcionários não sejam incentivados a trabalhar horas excessivas. Isso pode incluir a implementação de limites de horas extras e incentivos para tirar férias; **Flexibilidade no Trabalho**: oferecer opções de trabalho flexíveis, como horários flexíveis ou a possibilidade de trabalho remoto, pode ajudar os trabalhadores a equilibrar suas vidas pessoais e profissionais; **Promoção do Bem-Estar**: empresas podem promover programas de bem-estar para funcionários, incentivando a prática regular de exercícios, a meditação e o descanso adequado; **Educação e Conscientização**: educar os funcionários sobre os riscos da jornada de trabalho excessiva para a saúde mental e oferecer recursos para lidar com o estresse pode ser eficaz; e **Apoio Psicológico**: disponibilizar serviços de apoio psicológico no local de trabalho ou encorajar os trabalhadores a buscar ajuda profissional quando necessário é crucial.

O mundo corporativo e competitivo

Geralmente as organizações não estão preocupadas ou interessadas com a satisfação do trabalhador. Os lucros e clientes que conquistam no decorrer dos anos são sua maior preocupação, no entanto, esquecem dos gastos que tem com colaboradores que estão insatisfeitos no trabalho, que não produzem, que adoecem e precisam de afastamento, principalmente por não se sentirem bem recompensados ou até valorizados no ambiente do trabalho.

Uma prática que vem se desenvolvendo na última década é a terceirização, caracterizando-se como instrumento central das estratégias de gestão corporativa. Esse mecanismo de contratação possui como importância, entre outros aspectos, o fato de dissimular as relações sociais estabelecidas entre capital e trabalho, passando

a convertê-las em relações interempresas, viabilizando assim uma maior flexibilidade das relações de trabalho, dessa forma aos trabalhadores são impostos contratos por tempo determinado, de acordo com os ritmos produtivos das empresas contratantes, essas ações permitem também, a desestruturação da classe trabalhadora (Antunes; Praun, 2015).

As políticas e práticas, de inúmeros ambientes organizacionais, continuam a serem geridas com o mesmo "pensamento", das teorias administrativas iniciais, essas primeiras teorias eram voltadas quase que exclusivamente para aumentar a produtividade e lucratividade a qualquer custo, levando o indivíduo a trabalhar com frequência no seu limite, principalmente no âmbito emocional, levando em consideração cobranças e pressões psicológicas. Desse modo, fica evidente como o trabalhador é frágil em comparação a esta conjuntura, uma vez que ele está sujeito as metas e resultados estipulados pelas organizações e os gestores, muitas vezes superdimensionados, precisando que estes indivíduos se dediquem ao extremo para que estas sejam cumpridas (Camargo; De Sousa Almeida; Júnior, 2018).

Ao mesmo tempo que vivemos em um mundo globalizado e intensificou-se a especialização, juntou veio a precariedade e a informalização do trabalho para o empregado, resultando em uma realidade na qual o homem, multitarefa, tem o seu conhecimento e seu esforço próprio, cada vez mais como o fator decisivo no século XXI. Outro ponto importante para destacarmos, além do avanço da tecnologia, que nos faz estarmos inseridos na "era digital", podemos elencar o profissional multitarefas, o qual surgiu a partir do surgimento de políticas que detinham como principal objetivo a redução de custos com pessoal por parte das organizações. Na cena contemporânea ele é valorizado, pois, as tarefas que antes era desempenhadas por dois ou mais funcionários, agora passaram a ser realizadas somente por um e pagando apenas o salário deste, sem acréscimo nenhum (Camargo; De Sousa Almeida; Júnior, 2018).

O profissional multitarefa não representa um progresso da civilização ao contrário, caracteriza-se como um retrocesso, pois está

disseminada nos animais como instinto selvagem. Para tanto, este trabalhador "faz tudo", possui outro dilema, que, por sua vez está na garantia de sua empregabilidade e estabilidade, necessitando que este exiba comportamentos adaptativos ao contexto de exigências que com o passar dos tempos tornam-se cada vez mais elevadas, além de aderir às demandas e clima de competitividade por metas ou desempenhos crescentes. (Camargo; De Sousa Almeida; Júnior, 2018).

Desse modo, o presente contexto de trabalho, se torna propício à prática de atitudes marcadas por inúmeras formas de violência no ambiente de trabalho, para com o trabalhador, por parte dos gestores ou até mesmo dos próprios colegas, e vale ressaltar que o assédio moral é apenas um dos exemplos dessas formas, "sobretudo quando as lideranças são desqualificadas em termos de formação ou com tendências ao emprego de violência nas relações interpessoais" (Camargo; De Sousa Almeida; Júnior, 2018, p.131).

Contudo, tudo isso também exige dos profissionais além da competitividade, da atuação como multitarefas, situações de violência e assédio, o excesso de carga horária, pois, para cumprir a metas e garantir sua estabilidade no emprego, este se submete a jornadas abusivas e sem registro, não esquecendo que muitas vezes não remuneradas, pois geralmente foi escolha do trabalhador "ficar até tarde, pois não deu conta", e as empresas não pagam extra. Uma jornada de trabalho excessiva é caracterizada pelo número de horas que um trabalhador passa no emprego, que excede as normas estabelecidas pela legislação trabalhista ou que ultrapassa um limite considerado razoável para manter o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Embora as definições de uma jornada de trabalho excessiva possam variar de país para país e de setor para setor, é comum que ela envolva longas horas de trabalho, muitas vezes além do horário regular (Camargo; De Sousa Almeida; Júnior, 2018).

Essa falta de cuidado com a saúde do trabalhador por parte das empresas, com todas essas cobranças citadas anteriormente, preocupa estudiosos em relação aos fatores psicossociais de risco à saúde, pois são causas de adoecimento frequentes neste contexto.

O assédio no ambiente de trabalho

O ambiente de trabalho é um espaço onde passamos grande parte de nossas vidas, desempenhando nossas funções e buscando nosso sustento e de nossa família. Entretanto, infelizmente, esse ambiente nem sempre é livre de problemas, e um dos mais preocupantes é o assédio no trabalho. Este tópico abordará o assédio no ambiente de trabalho, seus impactos na saúde mental dos trabalhadores, as formas de evitar esse comportamento prejudicial e as leis que protegem os direitos dos trabalhadores.

Se faz necessário trazermos um breve debate sobre essa temática, principalmente porque muitas vezes o gestor faz uso de assédio de várias formas, sejam explicitas ou sutis, para o colaborador se estender a jornadas exaustivas. "A falta da reciprocidade entre o alto esforço dispendido e a pouca recompensa recebida em troca do empregador, é outra condicionante que exacerba os efeitos negativos do excesso de trabalho na saúde" (Antunes, 2020, p.314).

Conforme Ávila (2008), não foi no campo das relações humanas que surgiu a figura do assédio moral, contudo, foi no campo da Biologia, que foi utilizada pela primeira vez, aa partir de pesquisas realizadas na década de 1960, na qual, os resultados evidenciaram em determinado grupo de animais de pequeno porte, comportamentos agressivos quando outros animais tentavam invadir seu território. Eles se defendiam através de intimidações e atitudes agressivas coletivas, no intuito de expulsar o invasor solitário ou em companhia de outros, os estudiosos denominaram esse comportamento como *mobbing,* cujo seu significado em inglês vem do verbo maltratar, atacar, perseguir, sitiar, e o substantivo multidão, turba.

Ao longo dos anos o *mobbing* foi qualificado como terror psicológico ou psicoterror, no qual o indivíduo é submetido "a um processo de invasão sistemática de seus direitos, conduzindo-a a exclusão do mercado de trabalho, pois torna a vítima incapaz de encontrar um emprego, devido aos desgastes psicológicos suportados no ambiente de trabalho anterior" (Ávila, 2008, p.04).

Contudo, o assédio no ambiente de trabalho pode ser definido como um comportamento indesejado e persistente que cria um ambiente hostil, intimidante ou ofensivo para um ou mais trabalhadores. Ele pode assumir diversas formas, como assédio moral, assédio sexual, discriminação e bullying. É importante notar que o assédio não está limitado a atitudes de superiores hierárquicos em relação a seus subordinados; colegas de trabalho também podem ser perpetradores (Ávila, 2008).

Nascimento (2021), elenca que o assédio no ambiente de trabalho possui objetivos específicos, dentre eles desestabilizar emocional e profissionalmente o indivíduo; pressionar este a pedir demissão; causar ao colega de trabalho a sua transferência para outro local de trabalho, pois este causa alguma ameaça dentro da empresa; fazer com que o trabalhador se sujeite a más condições de trabalho sem reclamar ou nem perceber determinadas condições de humilhação e constrangimento na empresa. Os impactos do assédio no ambiente de trabalho na saúde mental dos trabalhadores são devastadores. Eles podem incluir dentre outros fatores o que se destaca no quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Fatores Relacionados ao Assédio no Trabalho

Estresse e Ansiedade: A vítima de assédio frequentemente experimenta altos níveis de estresse e ansiedade devido à constante pressão e medo de retaliação.
Depressão: O assédio pode levar à depressão, com sentimentos de desamparo e isolamento social.
Baixa Autoestima: Vítimas frequentemente questionam sua própria competência e autoestima, o que afeta sua autoconfiança.
Problemas Físicos: O estresse crônico resultante do assédio pode causar problemas de saúde física, como insônia, hipertensão e problemas gastrointestinais.
Desempenho no Trabalho: O rendimento no trabalho pode ser prejudicado, já que a vítima tem dificuldade em se concentrar e se engajar em suas tarefas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Brasil, a Constituição Federal e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) garantem o direito dos trabalhadores de um ambiente de trabalho livre de assédio. A Lei 13.467/2017, também conhecida como Reforma Trabalhista, incluiu alterações na CLT para tratar especificamente do assédio moral e sexual no ambiente de trabalho. Desse modo, se ressalta que é fundamental adotar medidas preventivas para combater o assédio no ambiente de trabalho, dentre elas: **Políticas Internas**: As empresas devem estabelecer políticas claras de prevenção do assédio e promover um ambiente de trabalho seguro e respeitoso; **Treinamento**: Oferecer treinamento regular para funcionários e gerentes sobre o assédio, seus efeitos e como denunciar casos; **Canais de Denúncia**: Disponibilizar canais de denúncia confidenciais, onde os funcionários possam reportar incidentes sem medo de retaliação; e **Investigação Adequada**: As empresas devem conduzir investigações imparciais e completas quando uma denúncia é feita. Os trabalhadores também devem estar cientes de seus direitos e, caso sejam vítimas de assédio, devem tomar medidas legais, como denunciar o assédio ao departamento de recursos humanos ou à ouvidoria da empresa, procurar apoio psicológico e emocional para lidar com os impactos do assédio e procurar um advogado, em casos mais graves é necessário buscar aconselhamento jurídico e considerar ações judiciais contra os perpetradores (Nascimento, 2021).

Frente ao exposto, evidenciamos que mesmo as questões sobre o assédio moral tendo conquistado na legislação contornos relevantes, ainda se evidencia com frequência, assim como a grande maioria dos integrantes que compõem a relação laboral ainda desconhecem seu significado e suas consequências. Na maioria das vezes, a vítima, mesmo vivenciando seu sofrimento, não imagina que tenha sofrido violência ou agressão moral, dessa forma, é preciso estabelecer e buscar medidas de prevenção que prezem a qualidade de vida do empregado, assim como manter um ambiente de trabalho sadio.Parte superior do formulário

Por fim, se faz necessário frisar que a jornada excessiva e o assédio moral são dois problemas interligados e altamente preocupantes no ambiente de trabalho, pois podem ter impactos significativos na saúde mental e no bem-estar dos trabalhadores.

A empresa

Este capítulo irá apresentar a empresa "Alfa", uma empresa que trabalha com elaboração de projetos para o poder público, ela tem em seu quadro um total de 350 colaboradores, que trabalham registrados na CLT, com carga horária de 44 horas semanais.

A empresa Alfa é composta por vários setores, possui na unidade o setor de Recursos Humanos onde são realizadas diversas atividades voltadas aos colaboradores no intuito de incentivá-los principalmente na questão da produtividade e trabalho em equipe. Este setor não está na unidade apenas para identificar talentos como na maioria das empresas, mas com a intenção de fazer um bom funcionamento integrado da companhia. A empresa também conta com setor de Call Center, copa, gerenciamento de projetos, dentre outros, possui como objetivo atender as demandas do setor público para o planejamento e elaboração de projetos de infraestrutura em geral, precisando sempre de ideias inovadoras e competitivas para não perder espaço para outra empresa concorrente. Dessa forma, exige dos seus "colaboradores" que sejam proativos, preza o trabalho em equipe, no entanto incentiva "indiretamente" a competividade, cobra sempre boas ideias, comprometimento e que estejam sempre atualizados.

Para melhor entendimento a jornada de trabalho excessiva ocorre quando os funcionários são obrigados a trabalhar horas além das estabelecidas legalmente ou do razoável para suas funções. Isso pode ocorrer por diversas razões, como pressão da empresa para aumentar a produtividade ou falta de regulamentação eficaz.

A empresa preza pela ideia da melhoria das condições de vida, por meio de um mundo mais sustentável, preocupa-se com

a qualidade e segurança em seus projetos e a integridade dos seus colaboradores. Desse modo, a maioria dos funcionários, são indiretamente obrigados a exceder a sua carga horária, ficando depois do expediente, isso porque precisam cumprir prazos, terem boas ideias, finalizar todas as etapas dos projetos, e essa é a melhor prova de "mostrar serviço", pois a empresa precisa do empenho de seus "colaboradores".

A empresa Alfa Insatisfação, satisfação, jornada excedente e estresse

Realizei Estudo de Caso em uma empresa que não teve o seu nome divulgado por sigilo, dessa forma utilizamos identifica-la por um nome fictício: empresa Alfa. A empresa não possui Banco de Horas, nem realiza controle de excedentes de trabalho. De acordo com alguns funcionários eles ficam após o seu expediente pela necessidade de cumprir suas metas, pois o horário de trabalho não foi suficiente, e "não querem que o chefe ache que são preguiçosos assim como perder para o colega". Corroborando com o que destaca o autor:

Impregnadas da lógica concorrencial típica do padrão flexível de acumulação e de sua expressão político-ideológica neoliberal, as relações sociais como um todo e sua expressão nos locais de trabalho materializam-se cada vez mais em um projeto que se apresenta de forma paradoxal. Um projeto que transita entre as incertezas do mercado e a necessidade do engajamento como saída para se manter empregado; entre o reconhecimento de uma realidade aparentemente exterior ao indivíduo, perpassada pelas mais diversas formas de precarização do trabalho, e o discurso de valorização de suas potencialidades cotidianamente propagado no ambiente de trabalho (Antunes; Praun, 2015, p.417).

Na empresa Alfa, os colaboradores possuem uma visão positiva sobre exceder do horário de expedientes, justificando que preferem está trabalhando dessa forma ao desemprego, e atender

a demanda da empresa, possibilitando almejar algum cargo de supervisão. Com a Consolidações das Leis do Trabalho – CLT, ficou estipulado que o empregado deve cumprir uma carga horária diária de 08 horas, durante a semana de segunda à sexta-feira e 04 horas aos sábados, e podendo ser alterada para uma carga horária de 08h48min de segunda à sexta-feira contanto que ao final totalize 44 horas semanais firmadas em acordo, desde que seja com coerência, no entanto, é vedado ao trabalhador trabalhar 12 horas por dia a fim de completar uma carga horária semanal. São vários os fatores existentes que influenciam para a limitação da jornada de trabalho, tais como, econômicos, biológicos e sociais (Cunha, 2009).

Assim, ao tratar da compensação de jornada o legislador previu a possibilidade de as empresas constituírem, mediante acordo ou convecção coletiva, o denominado "Banco de Horas". Dessa forma, é possível pactuar jornada, de sorte que o excesso deste em um dia seja compensado com a correspondente diminuição em outro dia desde que a jornada diária não ultrapasse dez horas e que a compensação seja feita no prazo de um ano. (CUNHA, 2009, p. 145)

Conversando com alguns funcionários sobre questões de saúde, muitos afirmaram que sofrem de ansiedade, têm gastrite, fazem uso de alguma medicação controlada, sofrem de insônia e quando estão de folga preferem estar em casa e não tem muitos momentos de lazer. Houve situações de colegas que chegaram a ter estafa e diagnosticados com síndrome de burnout, foram afastados, no entanto, quando retornaram ao trabalho, meses depois foram demitidos, devido à redução da produtividade (DIÁRIO DE CAMPO, 2023).

Nesta perspectiva é importante frisar que a limitação da jornada foi estabelecida considerando o aspecto biológico, a para que se evitem efeitos no organismo/saúde do trabalhador decorrentes de excessivo estresse e racionalizações envolvidas no trabalho, resultado de movimento de lutas dos trabalhadores durante muitos anos, conforme estudamos no início deste texto. Do ponto de vista social, a intenção é que o trabalhador tenha horas disponíveis para

aproveitar a família, curtir momentos de laser para interação social e familiar. Partindo para a ótica econômica o descanso da jornada permite contribuir para que a produtividade aumente, satisfazer o trabalhador, valendo, também, como uma garantia contra o desemprego, sendo certo que convergem tais fundamentos no sentido de que se configure um interesse público, com relação a aplicabilidade das normas respectivas (Cunha, 2009).

Ainda conforme Cunha (2009), a exaustão do indivíduo e o cansaço inviabilizam, este, passa a se sentir estagnado, de uma forma que não consegue desenvolver suas atividades, pois a fadiga e o desânimo causados pelo excesso de desempenho impede sua criatividade e consequentemente sua real capacidade. Desse modo, é importante compreender que as organizações possuem um papel na sociedade atual, que precisam exercer, o de garantir o bem estar de seus colaboradores. Muitas empresas já trabalham adequadas à estas mudanças, as quais são necessárias para conseguir manter os talentos em seu quadro, pois as doenças mentais e do trabalho são uma realidade da sociedade do desempenho.

No que tange as relações interpessoais com os colegas, eles se mostraram distantes, disse que o clima de competitividade e a desconfiança pelo outro se apropriar de suas ideias, faz as relações se limitarem a bom dia e conversas aleatórias sem muito avanço ou intimidade, podem até pensar em tomar uma cervejinha depois do expediente, mas não acontece, as relações se limitam ao ambiente de trabalho (DIÁRIO DE CAMPO, 2023).

Considerado esta fala, para Robbins (2010) existe uma forte relação entre quanto os indivíduos apreciam o contexto social de seu ambiente de trabalho e a satisfação que sentem no geral, ou seja, colegas, carga horária, atividades a serem exercidas, etc. Possuem forte relação com a satisfação no ambiente de trabalho a interdependência, o feedback, o apoio social e a interação com os colegas fora do trabalho, mesmo depois de considerarem as características do trabalho.

No final de nossa visita, conversamos com um grupo de

funcionários, afirmaram que trabalham na empresa há pouco mais de um ano, contudo não entendia o motivo de tanta rotatividade, pois a empresa era muito boa de se trabalhar, dava perspectiva, por conta da produtividade, de o funcionário poder receber um pouco além do salário no final do mês. No entanto, exigia apenas dedicação, que o colaborador dedicasse um pouco mais de seu tempo e este poderia ir longe. É percebível na fala que há uma justificativa viável para a jornada excessiva. Cabe então a reflexão acerca da real condição de tais pessoas, "onde é possível se afirmar que os posteriores efeitos benéficos ou maléficos de tal condição só podem ser medidos individualmente, já que ocorrem em graus, modos e condições distintas umas das outras" (Teixeira, 2011).

É percebível que a empresa Alfa se preocupa muito mais com o seu lucro e crescimento do que com seus colaboradores. Buscam demonstrar um ambiente harmonioso, com o discurso de "somos todo uma família", no entanto a realidade é completamento o oposto, a partir do momento que não se preocupa em atuar com uma política para garantir a saúde mental e bem-estar de seus empregados.

Considerações finais

O presente trabalho buscou objetivar os impactos das jornadas excessivas na saúde mental dos trabalhadores, destacando a importância do trabalho, os dados sobre adoecimento mental relacionado ao trabalho, os tipos de adoecimentos, suas causas, seus impactos, o assédio moral, a jornada excessiva, esta que por sinal contribui muito para esse adoecimento, principalmente por sua associação ao assédio dentro do ambiente de trabalho, este que se apresenta de várias formas.

A jornada de trabalho excessiva pode ter impactos devastadores na saúde mental dos trabalhadores. O estresse crônico, distúrbios do sono, burnout e outros problemas de saúde mental estão associados a essa prática. Para promover um ambiente de trabalho saudável e produtivo, é fundamental que as empresas

adotem políticas que valorizem o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal e apoiem a saúde mental de seus funcionários. A conscientização, a educação e a implementação de medidas de apoio são passos essenciais para mitigar os impactos negativos da jornada de trabalho excessiva e promover o bem-estar dos trabalhadores.

O assédio no ambiente de trabalho é um problema sério que afeta não apenas a saúde mental dos trabalhadores, mas também o ambiente de trabalho como um todo. Prevenção, conscientização e ações legais são vitais para combater esse comportamento prejudicial. É responsabilidade das empresas promover um ambiente de trabalho saudável e seguro, e dos trabalhadores conhecerem e protegerem seus direitos. Juntos, podemos criar um ambiente de trabalho mais justo e respeitoso para todos.

A partir do estudo de caso realizado na empresa Alfa, identificamos como o trabalhador é alienado com relação a sua exploração quando as jornadas excessivas e o assédio e problemas de relacionamento no trabalho, pois este normaliza todas as situações, no entanto compreende que muitas vezes se sente cansado, desestimulado, não consegue dormir e estressado, contudo em sua maioria relacionam mais aos colegas do que a própria empresa que estimula a competitividade e a carga horária excessiva para cumprir metas que beneficiam a ela.

Tanto a jornada excessiva quanto o assédio moral são questões sérias que afetam a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores. É responsabilidade das empresas criar ambientes de trabalho saudáveis, que promovam a qualidade de vida dos funcionários e evitem práticas prejudiciais. Isso não apenas beneficia os trabalhadores, mas também contribui para a produtividade e a reputação da empresa. Além disso, é fundamental que os trabalhadores estejam cientes de seus direitos e denunciem qualquer abuso que enfrentem no local de trabalho, para que possam buscar proteção e justiça adequadas.

Referências

ALENCAR, Bruno Eduardo Rocha et al. Compreendendo o adoecimento mental pelo esgotamento profissional da Síndrome de Burnout: uma revisão integrativa Understanding Burnout Syndrome mental illness: an integrative. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 1, p. 2642-2658, 2022.

ANTUNES, José. Longas jornadas de trabalho: efeitos na saúde. **Psicologia, saúde e doença**, v. 21, n. 2, p. 311-321, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2010.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, p. 407-427, 2015.

ÁVILA, Rosemari Pedrotti de. As conseqüências do assédio moral no ambiente de trabalho. Universidade de Caxias do Sul. Dissertação de Mestrado. Caxias do Sul, 2008. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/290/Dissertacao%20Rosemari%20P%20de%20Avila.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 set. 2023.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. Política social: fundamentos e história. 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 set. 2023.

CAMARGO, Mário Lázaro; DE SOUSA ALMEIDA, Natália; JÚNIOR, Edward Goulart. Considerações sobre o assédio moral como fator contribuinte para os episódios depressivos no trabalho: a violência velada e o adoecimento mental do trabalhador. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 39, n. 2, p. 129-146, 2018.

CUNHA, Maria. Direito do Trabalho. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CYRINO, Eliana G.; TORALLES-PEREIRA, Maria Lúcia. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. Cad Saúde Pública, 20(3):780-788, 2004.

FIGUEIREDO, Letycya et al. Adoecimento psíquico no trabalho. **Revista Estudos e Negócios Academics**, v. 2, n. 4, p. 94-100, 2022.

NASCIMENTO, Juliana Souza do. Assédio moral no ambiente de trabalho. Universidade de São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.ceunsp.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3165/1/ASSEDIO%20MORAL%20NO%20AMBIENTE%20DE%20TRABALHO.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

NÓBREGA, Mariana de Medeiros. O adoecimento mental inerente às atividades laborais: uma revisão integrativa/ Mariana de Medeiros Nóbrega. Patos: IFPB, 2019.

ROBBINS, S. P. Comportamento Organizacional. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

TEIXEIRA, Daniel Gaspar Parente Reflexos da jornada excessiva de trabalho no desempenho profissional e na estratégia empresarial / Daniel Gaspar Parente Teixeira - Rio de Janeiro: UFRJ / FACC, 2011.

SOBRE OS AUTORES

Ana Gabriella Moreira de Moura - Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas. Faculdade Metropolitana. E-mail: anagabithe2@gmail.com

Antônio Marcos Oliveira da Silva - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: marcosmais1000@gmail.com

Antônio Marcos Oliveira da Silva - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: marcosmais1000@gmail.com

Aurea Rodrigues Donato - Especialista em Gestão. Fundação Estude sem Fronteiras. E-mail: aurea.donato@yahoo.com.br

Cleriston Fernandes Teixeira - Especialista em Educação Digital. Universidade Estadual da Bahia (UNEB). E-mail: fernandeskeu@gmail.com

Davi Oliveira da Cruz - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: davi_doc@outlook.com

Edilson Damasceno - Mestre em Ensino. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: edildamasceno@gmail.com

Emanoela Reinaldo Gomes - Especialista em Educação Digital. Universidade Estadual da Bahia (UNEB). E-mail: emanoelagomes99@gmail.com

Flavianne Guilherme Ribeiro Pereira Silveira - Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar. Faculdade Suldamérica. E-mail: flavianneandre@gmail.com

Hiarlen Carnellosi Carolino Cella - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: dr.hiarlen@outlook.com

Janeydes Alves Pereira Gaspar - Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST). E-mail: janygaspar36@gmail.com

Jorge Sales e Silva Neto - Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST). E-mail: jorgefja@gmail.com

José de Miranda Freire Junior - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: mirandajppb@gmail.com

Karyne Guimarães da Silva - Especialista em Docência Universitária. Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC. E-mail: karynepsicologa@outlook.com

Keila Marta de Resende - Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST). E-mail: keilaresende2017@gmail.com

Lásara Marta Rodrigues de Rezende - Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University – MUST. E-mail: lasara.rezende@seduc.go.gov.br

Letícia Silva Rodrigues - Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Faculdade Faveni. E-mail: leticiasilvarodrigues@hotmail.com

Letícia Silva Rodrigues - Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Faculdade Faveni. E-mail: leticiasilvarodrigues@hotmail.com

Leydiane Gomes Cruz - Especialista em Práticas de Ensino em Geografia. Faculdade Campos Elíseos - (FCE). E-mail: leydiane.le@hotmail.com

Luciano de Jesus Santos - Especialista em Educação Digital. Universidade Estadual da Bahia (UNEB). E-mail: lucianolima_18@hotmail.com

Ricardo Furtado de Oliveira - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: ricardopsicologo@semed.palmas.to.gov.br

Rosilda Barros Pereira Silva - Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar. Faculdade Aberta. E-mail: maestrarosilda2@gmail.com

Sandra Regina Moisés da Silva - Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University – MUST. E-mail: sandramoises100@gmail.com

Sheila Gomes de Assis - Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST). E-mail: sheila.gomes.assis@gmail.com

Shirley Semprebom Mafra - Especialista em Transtorno do Espectro Autista no Âmbito das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail shirleymafra@gmsil.com

Silvana Maria Aparecida Viana Santos - Doutoranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: silvanaviana11@yahoo.com.br

Vander Aparecido de Castro - Doutorando em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). E-mail: castruvander@gmail.com

Walace Cabrini - Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST). E-mail: walacecabrini.sgp@gmail.com

Wanessa Carmo Telhado Vasques - Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University – MUST. E-mail: wanessacarmo@hotmail.com

Zenóbia Menezes de Brito - Doutoranda em Ciências da Educação. Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). Email: zenobia.brito@ifam.edu.br

“Horizontes Digitais: Desafios e Oportunidades na Educação” é uma obra que trata do complexo universo da educação no mundo digital, explorando os desafios e as oportunidades que surgem com a integração da tecnologia no ambiente educacional. Dividido em oito capítulos, este livro oferece uma análise abrangente e detalhada das questões fundamentais que permeiam a interseção entre educação e tecnologia, fornecendo perspectivas reflexivas valiosas para educadores, gestores escolares e todos os interessados em compreender os desafios e oportunidades da era digital na educação.

ISBN 978-655397170-7

EDITORA METRICS